

**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ARDAILLON, Danielle. Danielle Ardaillon (depoimento, 2007). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 55min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Danielle Ardaillon  
(depoimento, 2007)**

Rio de Janeiro

2012

## ***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** Luciana Quillet Heymann;

***Levantamento de dados:*** Luciana Quillet Heymann;

***Pesquisa e elaboração do roteiro:*** Luciana Quillet Heymann;

***Técnico de gravação:*** Marco Dreer Buarque;

***Local:*** São Paulo - SP - Brasil;

***Data:*** 12/1/2007

***Duração:*** 3h 55min

Minidisc: 3

Entrevista realizada para o projeto de doutorado da pesquisadora Luciana Heymann, intitulado De arquivo pessoal a patrimônio nacional: reflexões acerca da produção de "legados". A entrevistada é responsável pela organização e conservação do arquivo privado do ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, desde que ingressou no Cebrap, em 1978. O arquivo de FHC é um os objetos da tese de doutorado.

***Temas:*** André Franco Montoro Filho; Argélia; Arquivo Nacional (BR); Arquivos nacionais; Arquivos pessoais; Arquivos públicos; Assistência social; Assuntos familiares; Biografias; Brasília; Campanha eleitoral; Casamento; Centro Brasileiro de Análise e Planejamento; Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; Centros de documentação e informação; Ciências sociais; Congressos e conferências; Correspondência; Cultura brasileira; Darcy Ribeiro; Ditadura; Documentação; Documentos pessoais; Estados Unidos da América; Família; Fernando Henrique Cardoso; Florestan Fernandes; Formação acadêmica; Formação escolar; França; Golpe de 1964; Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998); Governo Fernando Henrique Cardoso (1999-2002); Instituto Histórico Geográfico Brasileiro; José Sarney; José Serra; Linha de acervo; Mário Soares; Miguel Darcy de Oliveira; Movimento estudantil; Museu da República; Obras de referência; Orestes Quécia; Organização de arquivos; Palácio Itamaraty; Pedro Malan; Pernambuco; Política; Políticas de arquivo; Pontifícia Universidade Católica; Pós - graduação; Presidência da República; Preso político; Procópio Ferreira; Regime militar; Ruth Corrêa Leite Cardoso; São Paulo; Senado Federal; Sociabilidade; Sociologia; Universidade de São Paulo;

## *Sumário*

*Entrevista: 12.01.2007*

**Arquivo digital em áudio 1:** A formação na Sorbonne em Ciências Biológicas (1955); origens familiares: breve histórico sobre os avós maternos e paternos e a formação da família na Argélia; a ida para a França a fim de completar os estudos (1955); comentários sobre a ocupação profissional dos pais; a saída do pai da Argélia e o convite para ficar um ano e meio no Brasil trabalhando para a Renault; as dificuldades sofridas na França e a ida para o Brasil com o pai (1959); comentários sobre as dificuldades de adaptação cultural; o casamento com Sebastião Simões e o permanência no Brasil (1960); a ida para Pernambuco com o marido (1961); explicações sobre a Companhia Pernambucana de Borrachas (Coperbo); o bom relacionamento com o sogro, o machismo do marido e as impressões sobre o sertão; a realização do curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia do Recife; problemas políticos de 1964: a demissão do marido, o medo da prisão e a fuga para São Paulo; o afastamento do curso de Ciências Sociais e a perda da casa no Recife; a aproximação de Fernando Henrique Cardoso (1968) e Florestan Fernandes, em São Paulo: a rede de sociabilidade que possibilitou o encontro; a continuação dos estudos na Universidade de São Paulo (USP), em 1966: comentários sobre a linha teórica do curso de Ciências Sociais; a pós-graduação com enfoque em Sociologia da literatura na Faculdade Maria Antônia; o nascimento do terceiro filho e a pausa nos estudos; a tradução da tese de Arthur Giannotti; o retorno aos estudos; o conflito ocorrido entre a ditadura militar e o movimento estudantil das faculdades Mackenzie e Maria Antônia; comentários sobre o bom relacionamento com Leônidas Cardoso, pai de Fernando Henrique Cardoso; o relacionamento com a orientadora, Ruth Cardoso; o envolvimento da entrevistada com ativistas políticos de Recife; a prisão, em 1971, a ida para Salvador e as dificuldades enfrentadas na família e no casamento; o trabalho como fisioterapeuta respiratória; a volta para São Paulo em 1978; a invasão da Pontifícia Universidade Católica – PUC- SP (1978); a atuação, através da indicação de FHC, como diretora administrativa no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap); o projeto de doutorado na área da sociologia da doença; o trabalho na organização de documentos em geral como cartas, telefonemas e contabilidade de personalidades importantes que faziam parte do Cebrap, como: FHC, Cândido Procópio Ferreira Camargo, Orestes Quércia, José Serra, Pedro Malan; comentários sobre a atuação do Cebrap: orçamento, número de funcionários; explicações sobre a pesquisa de doutorado e o motivo pelo qual teve que abandonar; a ida de FHC para o senado em 1982 e a permanência no Cebrap; comentários sobre as biografias de FHC escritas por Maurício Font e Ted Goertzel; a boa convivência com FHC; o auxílio dado a FHC no momento em que foi presidente da Associação Internacional de Sociologia e o retorno ao Doutorado; a equipe política que assume o senado: destaque para Eduardo Graeff e Ana Tavares; a conciliação entre o trabalho como secretária parlamentar e a finalização dos estudos na área de política; a organização dos arquivos pessoais do FHC; as dificuldades de acesso a FHC no momento que ele entra para o Ministério e o auxílio dado na organização de suas correspondências e textos acadêmicos; a campanha presidencial de 1995 e a saída de Fernando Henrique do senado; as bolsas de estudos obtidas na Fundação Carlos Chagas, no momento em que FHC participa da campanha presidencial; a importância da contribuição da entrevistada para aumentar o acervo pessoal e de partido; observações sobre a quase inexistência de arquivos de partidos no Brasil; comentários sobre a importância da esposa de Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro, na constituição do arquivo pessoal do antropólogo.

**Arquivo digital em áudio 2:** informações sobre o papel de Ruth Cardoso na vida política de FHC; a “política de escanteio” sofrida pela entrevistada no momento que FHC assume a presidência; comentários acerca da experiência negativa que teve quando trabalhou na Secretaria de Assistência Social em Goiás; menção à participação na Conferência Mundial da Mulher, em Beijing; o ambiente machista do Itamaraty; as gravações diárias sobre seu governo realizadas por FHC, durante a presidência; a finalização do doutorado e o começo das transcrições para FHC; a lei criada por Sarney sobre o destino dos documentos de interesse público; explicações acerca da pesquisa sobre arquivos realizada pela entrevistada; comentários sobre os arquivos que visitou, em 1996 no Brasil: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Museu da República, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Memorial JK; explicações acerca dos arquivos presidenciais dos Estados Unidos: investimento privado para uso público; comentários sobre a trajetória da construção de arquivos públicos nos Estados Unidos; as visitas em alguns arquivos da França: o Institut Français; a conversa com Paule René-Bazin; o arquivo de Mário Alberto Soares, em Portugal; a precariedade do arquivo de José Sarney, no Maranhão; o desejo de FHC de guardar seus documentos para a posteridade, sem utilizar dinheiro público: a ideia de criar uma fundação; os motivos pelos quais levaram a escolha da Fundação Mário Soares como modelo; as dificuldades de conseguir um comodato com um prédio a fim de diminuir os custos (1998); o trabalho na Documentação Histórica da Presidência (1999): as dificuldades enfrentadas; comentários sobre a ideia de guardar as correspondências de FHC no Instituto de Estudos Brasileiros – IEB; a necessidade de um fundo que financiasse a criação de um Instituto; comentários acerca de dificuldade dos políticos em se desfazer dos documentos pessoais; a importância do acervo de FHC para a Sociologia; menção à doação do arquivo do político paulista André Franco Montoro ao CPDOC; comparação da constituição do acervo do CPDOC com o Cebrap; comentários sobre a forma de organização do acervo do Cebrap: organização dos documentos relativos ao pré-presidencial de 1998 com o auxílio de firmas especializadas; a ida para Brasília no segundo mandato de FHC, em 1999 e a organização dos documentos do presidente; a equipe que faz parte da organização e o desejo da entrevistada em contratar novos pesquisadores; a digitalização dos documentos pela empresa Sun Microsystems; a opinião da entrevistada sobre o processo de digitalização e disponibilização de acervos; a doação de algumas correspondências de FHC para o Arquivo Nacional.

**Arquivo digital em áudio 3:** comentários sobre a falta de herdeiros para dar continuidade ao trabalho de coleta para o acervo de FHC; a importância das gravações feitas por FHC; o processo de transcrição do áudio realizada pela entrevistada; o processo de revisão feita por FHC; a criação do Conselho no Cebrap a fim de dar continuidade aos estudos; a continuação do cargo como assessora de FHC, junto com Sérgio Fausto depois da saída de FHC da presidência; a função de Miguel Darcy de Oliveira em representar FHC no Rio de Janeiro; apontamentos sobre o papel de Eduardo Graeff, junto a FHC; a vida ativa que FHC manteve depois da presidência: a valorização dele no exterior e dentro do Brasil; comentários sobre a conjuntura que permitiu a publicação do livro “A arte da política”, feito por FHC e “The Accidental President of Brazil”: A memoir, escrito por Brian Winter; a relação profissional e pessoal mantida com FHC e Ruth Cardoso: atenção para a personalidade de FHC; a experiência adquirida enquanto esteve em Brasília.

Entrevista: 12.01.2007

L.H. – Danielle, eu queria começar essa conversa, antes do tema central da entrevista, começar um pouquinho... para entender a sua trajetória até aqui, não é? Então, eu vi pelo seu currículo, você se formou na Sorbonne, em 55 e 56...

D.A. – É, na Sorbonne, eu fiz uma metade de *licence*, que se chamava de **U.S.**, de Ciências. Na época, eu era mais das Ciências Biológicas e eu queria fazer a pesquisa sobre o câncer. Então, eu comecei... O curso era bem variado, eu estudei fisiologia, genética, uma série de coisas assim, química e bioquímica, muito, mas... Bom, eu tenho que te contar uma coisa, porque eu sou da Argélia. Eu nasci na Argélia, quando a Argélia era...

L.H. – Ah, eu quero que você conte mesmo, desde o começo.

D.A. – Tem que contar?

L.H. – Tem.

D.A. – Meu Deus! Bom, eu nasci na Argélia, que era colônia francesa, portanto. E eu queria muito estudar, a minha mãe não queria... Enfim, havia uma pequena briga. Justamente quando eu terminei o meu segundo *baccalauréat*<sup>1</sup>, começaram os primeiros assassinatos na Argélia, que na época chamava *les événements*. Isso foi no final de 54.

L.H. – Os seus pais eram franceses?

D.A. – Sim, sim. Meus avós...

L.H. – Os dois?

D.A. – Meus avós que vieram para a Argélia. O meu avô paterno foi mandado... Ele era um professor *agregé*<sup>2</sup> de História e Geografia e ele foi mandado para fundar a academia de Argel e a Universidade de Argel. Isso, no início mais ou menos do século XX, em 1905, por aí. Ele morreu relativamente cedo e eu não o conheci. Mas, enfim, ele foi reitor da Universidade de Argel nos seus primórdios. Então, ficou também aquela figura do avô, no quadro, com o manto, com os paramentos de arminho... Não é arminho que chama aquele...?

L.H. – Sim.

D.A. – Então, ficou essa figura, que fez uma tese... E era uma história... Ele era arqueólogo também e fez uma tese sobre minas, numa região da Grécia chamada **I'Orion**, que é no sul de Atenas, e lá conheceu a minha avó, da qual se apaixonou, e a trouxe de volta para a França.

L.H. – E ela era grega? Não, ela...

D.A. – Grega.

---

<sup>2</sup> Professor associado de História e Geografia.

L.H. – Ah, grega!

D.A. – Greguíssima.

L.H. – A sua avó era grega.

D.A. – E aí... Bom, então, ele foi mandado... Quando ele foi mandado para Argel, eles já tinham uma família, já tinham filhos, e meu pai era quase que recém-nascido quando chegou na Argélia. Do lado da minha mãe, o pai dela, meu avô, é que veio. A minha mãe, eu acredito que foi a única da família que nasceu em Argel. Eram quatro filhos. E o meu avô veio, como muitos, em busca de trabalho mesmo, não é? E ele sempre foi um... assim, o gerente de uma pequena empresa de perfumaria. Então, são pessoas... Ou seja, são pessoas da cidade. Nós nunca tivemos propriedade, nunca fomos colonos. Do lado paterno, portanto, há essa ascendência mais intelectual, mais acadêmica; a minha avó grega era uma pessoa extremamente ativa, é uma pessoa que fundou a Cruz Vermelha na Argélia, que construiu a primeira maternidade, a primeira escola de enfermagem e coisas desse tipo.

L.H. – Que interessante!

D.A. – Portanto, é uma mulher que, na sua geração, e por ser imigrante, também teve um papel importante lá e na família. Portanto, eu tenho essa... É uma vivência de colônia na cidade, na capital. Muito bem. Então, com 18 ou 19 anos, com 18 anos, terminou o *baccaloréat*, “quero estudar”, minha mãe não quer, começo a trabalhar, fico com uma raiva imensa, peço uma bolsa... Porque eu descubro que descendentes de reitor, de pessoas importantes da academia, poderiam pedir bolsa. Porque é raríssimo, na França, você ter bolsa para a universidade. Consegui uma bolsa e fui lá para a Universidade de Paris. Então, eu fiz isso. Só que quando eu cheguei... Portanto, eu comecei lá no inverno de 55, eu acho – eu trabalhei um ano, antes, em Argel, com uma médica...

L.H. – Com uma médica?

D.A. – É, com uma... Eu fui técnica de eletroencefalografia.

L.H. – Quem diria! [risos]

D.A. – Quem diria! Eu fiz muitas coisas. Bom, e daí, eu chego em Paris, faço isso sem a menor orientação. Na época, não se tinha orientação profissional. Essas coisas não existiam. Eu fui assim... Eu queria ser médica, não dava, porque era muito longo, muito complicado – eu não tinha dinheiro nenhum, não é? – então, lá fui lá.

L.H. – A sua mãe não trabalhava? Ela era...

D.A. – A minha mãe trabalhou assim, durante a guerra, porque teve todo o pedaço da Segunda Guerra, na Argélia – o meu pai foi para a guerra, eu vi pouquíssimo o meu pai – e a minha mãe se engajou no Exército como secretária, como datilógrafa. Então, ela trabalhou esse período. E depois, de vez em quando, ela fez assim... às vezes ela foi corretora de apartamentos, mas ela não tinha uma formação. Ele tinha o secundário completo e não... Não teve assim, uma profissão. Então, eu fui criada para ser independente, ter uma profissão, aquela coisa, porque ela achava isso, evidentemente, muito importante.

L.H. – E o seu pai?

D.A. – E meu pai era uma pessoa que não conseguiu ter uma formação superior, então ele teve trabalhos assim, em empresas de transporte, até que... de carros, e ele trabalhou na Renault. E foi por conta desse trabalho na Renault que ele veio passar um ano e meio no Brasil. Então, quando chega a metade da minha *licence*, é justamente o momento onde se vê que a Argélia não tem retorno e que, inclusive, não se pode mais ir lá. A minha mãe ficou até depois da... A libertação da... A independência da Argélia foi em 62. A minha mãe ficou até 65 lá. O meu pai não. O meu pai... Os meus pais eram separados, muito cedo, no fim da guerra, e o meu pai morava numa cidade do interior de Argel, em Constantine, lá onde o Niemeyer fez... construiu uma universidade, bem depois, e lá toda a rebelião e, enfim, a guerra era muito mais pesada do que em Argel e eles não tinham mais condições de ficar. Então, em plena... no meio da guerra, ele teve... Ele trabalhava na Renault lá, e a Renault, neste momento, em 59, Kubitschek ainda, queria se instalar na América Latina. Então, tinha tentado... Já estava, em 59, já tinha uma montagem. Quer dizer não fabricava nada. Montava no sul, parece. E aqui... E aí, ela queria expandir e se associou com uma companhia americana que chamava Willys Overland do Brasil, para então montar e talvez fabricar um carro novo, na época, que era o Dauphine. Então, meu pai conseguiu... Porque eles estavam procurando gente que quisesse ir para a América Latina, que, para os franceses, é o fim do mundo, não é? E o meu pai aceitou porque, ao aceitar esse contrato de um ano e meio, na volta, ele teria um emprego na França. Portanto, adeus Argélia. E eu... Então, quando ele veio, ele me disse: “Olha, eu tenho uma...” Eu não vivia com o meu pai, portanto, era um conhecimento bastante relativo do meu pai. Eu o via...

L.H. – Você convivia pouco com ele.

D.A. – Muito pouco: nas férias às vezes. E como sempre, quando a gente é pequena, se cria... o pai não está aqui, então o pai fica mais santo do que é, não é?

L.H. – Idealizado.

D.A. – É, muito. Bom, enfim, eu vim aqui, portanto, para passar um verão. Porque na... Você conhece o sistema francês de universidade, nas Ciências era muito difícil na época. Isso foi pré-68. Eu nunca falei com um professor. O professor era aplaudido ao entrar e aplaudido ao sair da aula. Enfim, era uma coisa séria. E os exames de Ciências, você tinha o escrito; se passasse, tinha a parte de trabalhos práticos; se passasse, ia à oral e, se perdesse a oral, perdia tudo. Então, se você perdia tudo em junho, podia se reapresentar em outubro e tal. Então, naquele ano, eu perdi tudo em junho e, em outubro, eu perdi a oral, e aí... Então, eu pensei: “Bom, então, eu vou para o Brasil e, ano que vem, eu volto. Eu estudo lá e ano que vem...” Porque eu já tinha feito os cursos, não é? Enfim, eu tinha assistido os cursos. E aí eu vim, no final de 59, no Brasil, para passar o verão daqui...

L.H. – Com o seu pai?

D.A. – ...aqui em São Paulo.

L.H. – Com o seu pai?

D.A. – Então, o meu pai já estava aqui fazia uns meses, com a família dele, e eu vim passar uns meses.

L.H. – Ele era casado de novo?

D.A. – Ah, sim, havia muito tempo, tinha outra filha e tal. Bom, então, essa é a minha chegada aqui. Ou seja, eu chego num momento onde eu não tenho... A França não era bem o meu país. As pessoas que são criadas na colônia consideram a colônia o seu país. Quer dizer, a minha língua, a minha cultura, tudo bem, a minha tradição é a França, evidentemente, eu tenho ainda família lá – muito pouquinho, cada vez menos –, mas a cor, a luz, o cheiro, a gente... Então, eu estava sentindo que eu não tinha nada para trás. Portanto, estar no Brasil representava um momento de... Tudo era possível, não é? Eu estava com 22 [anos], por aí, 22 ou 23 [anos]. Então, daí... Bom, eu detestei o Brasil, diga-se e passagem, eu tive horror... Chovia – era essa época, fim de novembro, dezembro –, chovia a cântaros. Havia toda uma parte muito interessante que me lembrava muito a Argélia, assim, uma sensação de espaço, um pouco de liberdade, não é? Agora, eu achava a cidade horrível, as pessoas feias. Os táxis... Porque era na época que ainda não tinha a frota de carro, então, tinha velhos carros americanos ainda. Era um pouco a Cuba, sabe? Então, você entrava no táxi, tinha furos no chão do carro, no assoalho, tinha pedaço de papelão. [risos] Era tudo muito esquisito. Além do que, eu morava em Paris sozinha fazia três anos ou quatro e aqui eu não podia sair na rua. Eu me lembro que uma vez... Tinha um café aqui na Praça da Biblioteca, chamava Paris eu acho – não sei se era Bistrô Paris ou Ici Paris –, tinha um nome que lembrava a França, e tinha um terraço. Eu sentei lá. Mas era assim... Eu comecei a achar... Bom, enfim...

L.H. – Que Paris é esse, não é? Não é que país é esse, é que Paris é esse. [risos]

D.A. – Porque, enfim, os caras ficavam assim... Eu não podia ir ao cinema sozinha... Era um horror, não é? Você fica imediatamente assediada, não é? Bom, então, quando foi... Antes de vir, a Renault promoveu um encontro com estudantes brasileiros, e eu tinha encontrado um cara que era estudante de Química, então, no Natal, eu escrevi para ele dizendo que eu achava esse país um horror, que eu estava muito infeliz e que eu achava que eu ia embora logo.

L.H. – Esse encontro foi já no Brasil?

D.A. – Não, lá em Paris.

L.H. – Foi lá.

D.A. – Enfim, o fato é que eu escrevi isso para ele. Mas na realidade, em mim, eu me encontrava em uma encruzilhada, porque eu não voltaria para a Argélia; voltar para Paris significava voltar para uma situação muito difícil, muito apertada, de ter uma bolsa... Eu já trabalhava, porque eu tinha perdido a bolsa, eu tinha repetido um ano, então, trabalhava junto. Era tudo muito, muito pesado.

L.H. – Você não teve ajuda financeira dos seus pais nesse empreendimento?

D.A. – Não. Uma coisa absolutamente mínima, que não dava para tudo. Eu tive ajuda de uma tia. Então, era assim: um pagava os tíquetes-restaurante... Mas tinha inverno de não ter meia, não é? Era um negócio pesado mesmo. Porque a França ainda era... No final dos anos 50, ainda não era consumismo, não era nada disso. Isso tudo mudou lá para o fim da... dez anos depois, digamos assim, não é? Bom, daí, ele me respondeu, me dando o endereço de um colega dele que trabalhava aqui, numa firma americana, e que eu fui encontrar, e acabei casando com ele.



Então, foi assim que eu fiquei. Ele era engenheiro...

L.H. – Que era um brasileiro?

D.A. – Um brasileiro, paraibano, criado em Recife, e engenheiro químico. É um homem extremamente inteligente. E à época, era Cuba, era Fidel Castro, era o início de industrialização do país, daqui. Era uma coisa fervendo muito, não é? Ou seja, havia aqui uma impressão de se ter projetos, de se ter o futuro aberto, não é? Quando que na França ainda havia... Tudo era muito difícil. E para mim, particularmente, tudo era muito difícil, não é? Então, encontro esse cara que tinha um projeto, quer dizer, “o que eu vou fazer para o meu país, para crescer etc.”.

L.H. – Qual é o nome dele, Danielle?

D.A. – Sebastião Simões. Ele já morreu. Bom, então, era engenheiro químico, trabalhava em uma firma americana e também era um pouco diferente, para mim, daqueles estudantes que eu conhecia. Quer dizer, a minha vida era uma vida de estudante, então, os estudantes... Eu não conhecia ninguém assim. Bom, havia alguns engajamentos, porque tinha tido a revolta da Hungria contra os soviéticos... Quer dizer, era uma época bastante efervescente. Mas eu nunca tinha encontrado ninguém que dizia “ah, eu vou fazer aquilo, eu vou fazer aquilo mais”, não é? Então, eu achei isso formidável e me deu uma impressão assim, que valia a pena. Apesar de que eu continuava não gostando muito desse lugar. Então, não seria o lugar da minha escolha, para dizer a verdade. E daí, aí começou uma... Aí começou o Brasil. Então, eu casei com ele em 60, no final de 60, um ano depois que eu cheguei. E ele, aí já chamado pelo Cid Sampaio, de Recife, para iniciar a industrialização de Pernambuco, fazendo uma primeira grande fábrica lá, que ia fabricar borracha sintética, para pneus etc. Então, muito bem, o Sebastião aceita, topa ser o superintendente desse negócio e fundar a Coperbo, que existe até hoje e se chama Coperbo.

L.H. – Copebe?

D.A. – Coperbo.

L.H. – Coperbo?

D.A. – É, Coperbo, Companhia Pernambucana de Borrachas<sup>3</sup>, que era uma fábrica que é privada e pública, quer dizer, tinha financiamento público. Ou seja, a diretoria tinha que ser indicada pelo governador. Foi assim que a coisa foi montada. Muito bem. Aí eu vou lá, em 61, em janeiro, pensando: “Bom, o que eu vou fazer da vida?” Porque casada, está bom, já tenho um primeiro filho, em 61, e conheço o Recife de 61, que era um terror. [risos]

L.H. – Não melhorava em nada.

D.A. – Sim, tinha o mar. Isso melhorava muito.

L.H. – Que São Paulo não tinha.

D.A. – Para uma argelina, melhorava muito. Mas descubro, assim, primeiro, o machismo do meu marido, que não apareceu anteriormente, e aqueles costumes, não é? E, curiosamente, eu vou logo conhecer o meu sogro, no sertão da Paraíba, em Taperoá, no Cariri, e adorei o sertão.

---

<sup>3</sup> A entrevistada está se referindo a Companhia Pernambucana de Borracha Sintética.

O sertão me lembrou a Argélia. E adorei o meu sogro, um homem sóbrio e que acho que ele gostou de mim na primeira hora e um homem de muito poucas palavras, um homem semianalfabeto, um comerciante e de grande sensibilidade, um homem muito especial. Aí, isso me dá um alívio. Então, eu pensei: “Bom, então, tem um lugar que eu gosto e tal e uma pessoa que...” Porque, olha, sozinha completamente: o meu pai voltou para a França...

L.H. – Ah, porque ele passou um ano e meio aqui para poder voltar.

D.A. – É. Então, ele foi embora antes do nascimento do meu primeiro filho. Faltavam dez dias, e ele não esperou. Bom, então, isso... Bom, eu penso: “Eu tenho que fazer alguma coisa.” Tento a Escola de Química. Bom, eu estava com três anos de Sorbonne nas costas. Não foi possível fazer nenhuma equivalência, evidentemente. Eu teria que fazer um vestibular para Química. A escola era de dia inteiro, não era compatível com o recém-nascido, então, acabou. Aí, pensei... Aquele primeiro ano que eu passei em São Paulo, eu ensinei no Lycée Français aqui e fiz um pequeno estágio na Faculdade de Medicina também, para não perder...

L.H. – O contato com as ciências.

D.A. – ...o contato com a Química, as ciências. Mas lá a coisa foi se perdendo, aí eu pensei: “Bom, então, eu vou fazer Psicologia.” Na época, só havia um curso, à noite, na universidade do estado, ou seja, mista etc. O meu marido...

L.H. – Não deixou.

D.A. – ...não deixou. O que me restou foi Ciências Sociais, na Faculdade – daqui a pouco eu me lembro o nome – das Dorotéias, Irmãs Dorotéias<sup>4</sup>, só para moças.

L.H. – Certo.

D.A. – A coisa boa foi que eu fiz isso com a minha cunhada. Então, ela queria estudar, e nós duas... Ela estava casada...

L.H. – A irmã dele?

D.A. – A irmã dele.

L.H. – A irmã dele também estava em Recife.

D.A. – E ainda está e ainda é a... Enfim, é a última pessoa da família que está viva, do lado dele. E aí fomos fazer o vestibular. Bom, para mim era tudo relativamente fácil, não é? O difícil para mim foi História do Brasil. Isso eu nunca... até hoje... Sabe, é Fernando de Albuquerque Lins, Lins de Albuquerque, e não sei o que... Sabe, é Souza Vieira, Vieira de Souza... Você nunca sabe qual é. [risos] É muito difícil. Então, eu... Foi... Não, eu passei em segundo lugar no vestibular. Era tudo fácil, tudo muito... E a faculdade, eu tive o segundo filho no ano seguinte... Enfim, passei... Até... Chegamos em 64. O primeiro nasceu em 61; em 63, aí eu já estava mais instalada na cidade, consegui... comecei a dar aulas de francês na Alliance – aí, para me divertir um pouco e... Porque Ciências Sociais era muito fácil lá. Apesar de que a gente teve um pouco de sorte, porque havia um jesuíta que era professor de Sociologia que vinha do Rio, da PUC do

---

<sup>4</sup> Possivelmente a entrevistada se refere à Faculdade de Filosofia do Recife (Fafire).

Rio, que era muito bom, e Economia, a gente fez um excelente curso também. Então, era um curso razoável, fora o catecismo, que tinha que estudar, e a Matemática, que era ridícula... Enfim, várias coisas eram... Mas, enfim, chega 64. E aí já estava no governo de Miguel Arraes. Miguel Arraes tinha sido um governador muito difícil para a Coperbo, porque todo o projeto de *engineering*, das máquinas e da construção, tudo isso vinha dos Estados Unidos, e ele era contra. Havia um... aquele velho comunismo, assim, que era... Era muito difícil. Mas, enfim, afinal... de qualquer maneira, um diretor que ele havia nomeado era muito simpático e tudo isso. Chega 64, Arraes é preso e, imediatamente, a diretoria se demite, e Sebastião, que gostava muito dele... O Sebastião, na realidade, era um nacionalista de esquerda, digamos. Não sei se mais nacionalista do que mais de esquerda, mas, certamente, engajado também. E aí ele demite, em...

L.H. – Apoio? Solidariedade?

D.A. – ...apoio, solidariedade, e me disse: “Eu acho que eu vou ser preso.” Eu disse: “Bom...” Porque o Sebastião tinha... sabia que o Jânio não ia... Quer dizer, a partir do dia que o Jânio começou a... foi eleito e assim que ele renunciou, o Sebastião todo dia acordava e dizia: “Vai ter um golpe.” Ou seja, já estava anunciado que ia ter. Só que lá o que foi grave é que eu... Então, nós, esperando que ele fosse preso; eu soube que eu tinha sido denunciada na faculdade como líder de esquerda. Ora, eu tinha passado três anos grávida, amamentando e não sei o que, sem fazer política nenhuma, mas só porque eu... claramente eu tinha declarado que religião não era comigo e que as aulas de catecismo eu copiava da outra. Então, eu não sei se foi isso... Acho que foi olho gordo. Teve muito. Em Recife, foi uma coisa... Em 64, teve muita, muita, muita denúncia gratuita, um denunciismo desbragado e provinciano, particularmente nessas cidades, não é? Bom, aí, o meu marido... Primeiro, furioso comigo. Bom, daí, fugimos...

L.H. – Ele achou que tinha colocado você num lugar seguro e você acaba aprontado. [risos]

D.A. – Mas eu fiquei horrorizada. Eu nunca imaginei isso. Primeiro, eu não achava sério um golpe de militar. Isso, para mim, não era uma coisa séria. Eu não achava que isso podia existir, uma coisa assim, de um dia para outro. Não fazia parte da minha cultura política. Bom, mas tivemos que fugir, com os dois pequenos – o Vasco tinha dois anos e meio e o Diogo não tinha dois anos ainda.

L.H. – Diogo? Vasco e Diogo?

D.A. – Vasco e Diogo e Martin, que vai ser o terceiro. Bom, enfim, aí tivemos que fugir. Então, eu ia terminar Ciências Sociais naquele ano, porque eram três anos na época. Perdi. Primeira perda. Aí, vamos para o sertão, onde eu fiquei cinco meses; o Sebastião voltou a São Paulo, voltou a se empregar com os americanos, que não achavam ele comunista nenhum, e daqui a pouco eu vim para São Paulo. Que foi... Eu estava reformando uma casa... Enfim, foi o primeiro... Perder casa, perder o que você construiu, o que eu construí durante quatro anos. Aí, vim para São Paulo. Curiosamente, o Sebastião tinha alugado uma casa no Brooklin ao lado da casa de Fernando Henrique<sup>5</sup>, que na mesma Rua Nebraska onde morava Fernando Henrique aqui, que já estava no exílio, já tinha saído... Eu só conheci Fernando Henrique em 68, quando ele voltou. Aqui a gente está em 64. E mais para baixo, morava Florestan<sup>6</sup>. E eu, em Ciências Sociais, o primeiro livro que a gente tinha tido lá era aquele livro de textos que o Fernando

<sup>5</sup> A entrevistada está fazendo menção a Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil entre os anos 1995- 2003.

<sup>6</sup> A entrevistada se refere a Florestan Fernandes, sociólogo e político brasileiro.

Henrique publicou com o Octavio Ianni<sup>7</sup>.

L.H. – Sim.

D.A. – Eu não me lembro mais como se chama, mas é uma coletânea que tem assim os básicos, não é? Então, eram meus deuses, não é? E aí, nessa época...

L.H. – Mas você não sabia que ele morava nessa rua.

D.A. – Não, não sabia. Eu vou descobrir porque, por acaso, nós tínhamos... Aí tem muitas histórias, que eu não vou contar, rocambolescas, de amigos nossos casados com professoras da USP, que iam se estabelecer em Recife e, no meio do golpe, tiveram que voltar. Então, nós conhecíamos já várias pessoas da USP, de Ciências Políticas, de Antropologia. E Fernando Henrique fora, se formou uma turminha ao redor de Octavio Ianni. Então, ficamos muito amigos do Octavio. E Sebastião representava também uma pessoa que tinha sido perseguida, que estava fugido... Enfim, já chegávamos com uma história, não é? Então, aí... Só que, em 64, portanto, o meu curso babau, não é? Então, em 65, conhecendo essas pessoas, eu consigo reentrar na USP, mas já com mais dois anos, porque já era quatro anos, o curso de Ciências Sociais.

L.H. – Sim.

D.A. – Então, só vou me formar em 66, no final de 66, já grávida do terceiro filho. Parece que quando estudo, fico grávida. [risos] E aí foi formidável, porque evidentemente que, em dois anos, eu refiz os quatro anos, porque a USP era super marxista na época, era Lukács, Marx, tudo que havia. Não se lia Talcott Parsons de jeito nenhum; Max Weber, pouco. Então, eu peguei essa coisa mais dura. De um lado, foi bom, mas tinha pessoas, enfim... nem tão ótimas. Daí, vai até 68. Eu termino o curso em 66, eu me inscrevo imediatamente em pós-graduação... A minha primeira pós-graduação foi com o Rui Coelho, que, eu não sei se você conhece, é um professor de Sociologia, mas da literatura. Era uma pessoa interessantíssima, um erudito. A aula dele era um pouco nebulosa, mas ele era muito inteligente. E fiz... Então, começo com sociologia da literatura e, no segundo ano da pós-graduação – e aí a gente já chega quase que em sessenta e... Não, aí não. Mais uma interrupção. O meu terceiro filho é portador de uma grave má-formação congênita. Aí, parei um ano. Eu traduzi uma tese do Gianotti<sup>8</sup> naquele ano, verti para o francês. Daí...

L.H. – Você trabalhou muito.

D.A. – Muito. Porque foi uma maneira de viver. E aí, o ano seguinte, eu retomo. Eu penso: “Bom, talvez não seja isso.” Aí eu retomo a sociologia da literatura, e aí eu fiz um curso com o Antonio Candido<sup>9</sup>... enfim. Só que, em 68, teve aí já aquelas coisas da... Você é do Rio... Teve aquela briga da Maria Antônia com o Mackenzie. A Maria Antônia, a nossa faculdade, é aqui perto, na Rua Maria Antônia.

L.H. – Sim.

---

<sup>7</sup> Possivelmente a entrevistada está se referindo ao livro intitulado *Homem e Sociedade*, publicado em 1961.

<sup>8</sup> A autora faz referência a José Arthur Giannotti e a sua tese intitulada *John Stuart Mill: o psicologismo e a fundamentação da lógica*.

<sup>9</sup> A entrevistada se refere ao intelectual Antônio Candido de Mello e Souza.

D.A. – Por isso que chama Maria Antônia. E defronte tem o Mackenzie, que é uma escola, uma universidade e tal. E lá era a direita, era o CCC<sup>10</sup>, não é? E houve uma... Do nosso lado, havia o nosso famoso, o grande líder estudantil, que depois virou o primeiro-homem do Lula, o Dirceu. Enfim, estava nessas brigas. E houve a invasão, eles invadiram a Maria Antônia com bombas e tudo que você pode imaginar e tivemos que... Foi fechado etc. e nós mudamos para...

L.H. – Você estudava ali?

D.A. – Ali, na Maria Antônia<sup>11</sup>.

L.H. – Você fazia a sua pós-graduação ali.

D.A. – Isso. E eu tinha feito o curso. Todas as Ciências Sociais eram ali.

L.H. – Ah, sim. Está certo.

D.A. – Em 68, aí é que está, vamos para a Cidade Universitária. E naquela época... Bom, eu já não morava mais lá na Nebraska. Na Nebraska, eu tinha conhecido o pai do Fernando Henrique, que é uma pessoa... Ele era mais falante do que ele. Mas muito mais. Era vivíssimo. Era um senhor, já bem mais velho...

L.H. – Leônidas.

D.A. – Leônidas. Falante pelos cotovelos. E ele tinha passado grande parte da vida dele no Rio, não é? E eles tinham telefone e eu não tinha – porque telefone era objeto raro –, então, eu ia telefonar na casa deles. Então, conheci o Leônidas e dona Nayde. Cada vez que eu ia telefonar, o Leônidas dizia assim: “Fique aí. Vamos conversar.” Só que havia pouco tempo que eu estava no Brasil, então, eu perdi muito. Mas ele me contava coisas... Ele tinha horror do Lacerda, mas ele era amigo do Maurício de Lacerda<sup>12</sup>. Ele contava mil histórias da política. E eu ficava escutando, era muito divertido, mas não aproveitei como podia ter aproveitado. E ele morreu logo, em 65, fim de 65 ou 66, eu não me lembro, e aí eles se mudaram e tal. Mas em 68, aí volta... E a Ruth<sup>13</sup> tinha voltado um pouco antes de Fernando Henrique. E eu tinha... Eu não me lembro qual é o curso que... Eu já tinha feito algum curso com ela. Porque ela não... Eles foram para a França e tudo e, em algum momento, ela voltou. Eu já conhecia a Ruth, e aí eu conheci Fernando...

L.H. – Antes de conhecê-lo.

D.A. – É. E aí eu conheço o Fernando Henrique. Então, o conhecimento fica aí. Mas eu me ligo mais à Ruth. E aí a Ruth... Eu faço, então, os cursos de pós-graduação. Eu mudo, eu vou mais para a Antropologia, e fico já como uma orientanda da Ruth, nessa época. Bom, mas aí, acaba a... Aí, em 70, eu começo a ensinar em uma faculdade de Arquitetura, em Santos, com o Chico de Oliveira.

L.H. – Sim.

---

<sup>10</sup> CCC - Comando de Caça aos Comunistas.

<sup>11</sup> Atualmente se intitula Centro Universitário Maria Antônia, da Universidade de São Paulo.

<sup>12</sup> A entrevistada se refere inicialmente ao jornalista Carlos Lacerda, filho do advogado e político brasileiro Maurício de Lacerda.

<sup>13</sup> Ruth Correia Leite Cardoso, mulher de Fernando Henrique Cardoso.

D.A. – Éramos... Tínhamos a matéria que era na parte de urbanismo. Eu fazia uma introdução à antropologia urbana, uma coisa assim.

L.H. – Mas você ficava indo e voltando?

D.A. – Indo e voltando. Uma vez por semana, descia e voltava. E a coisa... a barra da política começou já desde 69, havia as organizações, a minha casa já era um consulado de fugidos de Recife, e tínhamos amigos envolvidos que nos envolveram, no sentido de colocar gente na nossa casa, essas coisas que na época a gente não negava, e o fato é que, em janeiro de 71, eu fui presa. E aí foi... Aí, tudo estourou, não é? Aí foi um... Os meus onze anos acabaram naquele instante, porque eu fiquei cinco meses presa, o Sebastião ficou duas semanas e ficou totalmente deprimido, ficou internado dois meses, depois, lá em Recife. Ele tinha conseguido... Os meus filhos ficaram em Recife com a família. Enfim, foi um período ruim e saí disso bem ruim. Ali foi... Porque aí, uma vez que a gente tinha sido... Aliás, eu não fui presa, eu fui seqüestrada. Eu nunca tive prisão preventiva decretada, nunca tive processo. Eu fui seqüestrada porque uma amiga minha que eles queriam pegar de qualquer maneira... Na realidade, eu não sabia bem o que ela fazia, descobri uma vez lá, e eles acabaram pegando ela e assassinando ela no mesmo ano. Mas então, eles não sabiam bem o que fazer de mim. Na época, eu era francesa ainda...

L.H. – Sim, eles colocaram também...

D.A. – ...então, ameaçavam que iam me mandar embora. Mas não podiam. Eu tinha filhos brasileiros. Mas, enfim, foi um período negro. No espaço de uns três ou quatro anos, foi um período muito, muito negro. Bom, aí, em junho de 71, me vejo em Recife, uma casa que eu adorava, que era ótima e tal, [Taperoá]<sup>14</sup>... O Martin era uma criança que me demandava cuidados dia e noite, enfim, com o tratamento dele interrompido, uma coisa assim, o meu marido levantando de uma depressão profunda. Acabamos o ano indo para a Bahia, para Salvador, onde o Sebastião tentou trabalhar. Mas o casamento foi embora. Então, em 73, estou lá sozinha, com três filhos...

L.H. – Em Recife?

D.A. – Em Salvador.

L.H. – Em Salvador.

D.A. – E aí? Sociologia era uma coisa impossível, porque todo mundo que fazia Sociologia era suspeito. Eu tinha sido presa, então, eu tinha medo de me aproximar das pessoas, porque fica um medo constante. E então, aí, lá me reinventei numa outra coisa. Por conta do Martin, com quem eu fazia muita fisioterapia e tal, e com os meus conhecimentos anteriores, eu fiquei amiga de um médico e eu me tornei uma fisioterapeuta respiratória. Isso, eu trabalhei seis anos... Foram seis anos de Salvador. Eu trabalhei quatro anos com ele. Bom, mas o Martin precisou de cuidados, eu resolvi sair, mas eu tinha muito medo de voltar a São Paulo. Eu só consegui voltar no início de 78. Aí, voltei com os meus dois mais velhos – o Martin quis ficar com o pai e o pai ficou em Recife. Então, cheguei aqui... E acontece que, no ano anterior, eu tinha vindo para São Paulo, eu tinha encontrado o Chico de Oliveira, o Fernando Henrique e tal e o Fernando Henrique tinha... Eu disse: “Olha, eu quero muito voltar para São Paulo.” Porque você não

---

<sup>14</sup> O mais próximo do que foi possível ouvir.

lembra, mas, em 75, tinham matado o Herzog e o Fiel<sup>15</sup>. Ou seja, 78 ainda era um ano assim, porque a gente nunca sabia o que podia acontecer, mesmo com o Figueiredo e tal. Bom, aí eu tinha dito... Aí o Fernando Henrique me disse, naquela vez: “Então, fale comigo.” Em 77, eu tinha passado grande parte do tempo aqui – o meu filho teve várias cirurgias longas – e foi ainda o ano que a PUC foi invadida aqui, com aquele coronel Erasmo... Erasmo Dias, não é?? Bom, aí, em 78... No início de 78, o Fernando Henrique estava nos Estados Unidos ou alguma coisa dessa... Enfim, eu sei que eu me instalei aqui e aguardei e, em abril, aí consegui e entrei no Cebrap<sup>16</sup> no mesmo dia. Agora, aí aconteceu uma coisa curiosa. Eu achando que então ia ser ótimo, eu ia poder voltar à Antropologia, que era a minha coisa, não é? Não era a fisioterapia respiratória. Só que o Cebrap me queria como administradora, e não como pesquisadora.

L.H. – Isso me chamou a atenção, que você foi ser diretora administrativa, e não...

D.A. – É. Na realidade, eu já tinha todos os créditos... Eu tinha feito os meus créditos de mestrado...

L.H. – Na USP.

D.A. – ...antes de 71, e eu tinha feito muitos créditos. Então, na realidade, nessa época, eu poderia fazer o doutorado direto, e a Ruth... Porque teve uma época, parece que foi em 72, que teve uma nova reforma de universidade, eles mudaram o sistema, e a Ruth aqui foi muito legal comigo, ela me assinou mais um crédito que estava faltando para completar os créditos de doutorado. Então, quando eu voltei, em 78, eu poderia ter feito o doutorado. Eu já tinha preparado uma pesquisa na minha função de fisioterapeuta, que seria a sociologia da doença, que, nos anos 70, em 78, é um assunto que começou a ser muito estudado: doença, a relação médico/paciente, erros médicos... Teve todo um... Tanto é que o Paul Singer, dois anos depois, publicou um livro sobre isso.

L.H. – Ah, sim.

D.A. – Então, mostrei o meu projeto para todo mundo, todo mundo achou maravilhoso, mas eles precisavam de outra coisa, não é? E, na realidade, eu precisava trabalhar. Então, pronto! Então, eu fiquei... Eu não fui para a pesquisa.

L.H. – Mas você já foi... assumiu toda a direção.

D.A. – Ah, é. Primeiro eu assumi a... Eu era assim, uma espécie de assistente de todos os *seniors*, para os seus currículos, para o que eles precisassem fazer. E aí eu comecei logo com o Fernando Henrique, a cuidar do... arrumar os *papers* dele, ver a correspondência, essas coisas.

L.H. – A cuidar do arquivo dele.

D.A. – Exatamente. Acontece que eu sou organizada. Eu não faço nenhum esforço para ser organizada. É assim. E também, falando francês, eu podendo falar francês, inglês, espanhol – não falo espanhol, mas entendo e tal – e falo italiano, então, para ele era muito prático, não é? Porque a correspondência dele...

L.H. – Nessa época, ele já tinha sido eleito.

---

<sup>15</sup> A entrevistada se refere ao operário metalúrgico brasileiro Manuel Fiel Filho.

<sup>16</sup> Cebrap- Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.

D.A. – Nessa época aí, já estava assim... Ele já estava em [campanha]. Quer dizer, foi o ano que...

L.H. – Que ele fez campanha.

D.A. – ...que começou a primeira campanha, não é?

L.H. – Em 78, não é?

D.A. – Então, ele estava realmente... Vinha muita gente. Eu me lembro assim, vindo... Então, eu ficava numa antessala, como se eu ficasse aqui fora da sala, e tinha as duas salas dele. Foi na Campinas, na Alameda Campinas. Tinha a salinha dele e a sala do Procópio. Você não conheceu o Procópio<sup>17</sup>, não é?

L.H. – Não.

D.A. – Era uma figura ótima também, um *gentleman*. Os dois, não é? Então, era muito divertido, porque eu ficava lá fazendo minhas coisas, arrumando as coisas, correspondência, não sei o que, telefonemas. E quando você começa a fazer as coisas para a pessoa e a pessoa vai gostando, então, vem mais, não é?

L.H. – É, claro.

D.A. – Aí, por exemplo, vinha o Quércia<sup>18</sup>, na época, as coisas dele e tal. Eu me lembro do Quércia lá, um dia, olhando para Fernando Henrique e dizendo: “Você escreve todos os dias, é?” Aí o Fernando Henrique disse assim: “Ah, sim, eu escrevo sempre alguma coisa. Sempre tem alguma coisa para escrever, não é?” Mas eu achava tão engraçado, porque o Quércia parecia de outro mundo, não é?

L.H. – De outro planeta.

D.A. – Outro planeta. Então, já comecei a ver essa figura como o Fernando Henrique lidar com essas pessoas. Aí começaram a aparecer... Voltou o Serra<sup>19</sup>, o Malan<sup>20</sup>, pessoas que depois vão... que eram conhecidos desde essa época. Bom, então, eu vou... No ano seguinte, a pessoa que se encarregava da administração ficou... não deu conta, aí eu passei a fazer. E aí, a administração era o quê? Era todos os seniors e mais a parte de gente, de administrar secretária e tal. Era mais ou menos, de empregados... Dava bem umas 40 a 50 pessoas, não é?

L.H. – Era grande, o *staff*.

D.A. – Era grande. Agora, o que era pequeno era o orçamento. E a gente... Eu tinha um orçamento sempre válido apenas por dois meses. E eu sou tipo dona-de-casa, quer dizer, eu faço o orçamento... [risos] Nada de grandes contabilidades. Mas deu certo durante... Eu fiquei bastante tempo. Mas tinham coisas muito mais complexas, porque tinham um *endowment* da

---

<sup>17</sup> A entrevistada se refere a Cândido Procópio Ferreira Camargo, um dos fundadores do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).

<sup>18</sup> Orestes Quércia foi governador de São Paulo (1987-1991).

<sup>19</sup> A entrevistada se refere a José Serra, político brasileiro que ficou exilado por 14 anos durante a ditadura militar.

<sup>20</sup> A entrevistada se refere ao economista brasileiro Pedro Malan.



Ford, tinha que administrar isso, tinha... E esses intelectuais são terríveis com a administração, não é? Eles têm um superior desprezo para tudo que é administração.

L.H. – Tudo que é da vida prática, não é?

D.A. – Tudo que é da vida prática, sobretudo, “não me peça nada”. E briguei com o Serra não sei quantas vezes. O Serra às vezes trazia projeto...

L.H. – Ele também estava no Cebrap?

D.A. – Não. Ele estava em Campinas. Mas aí a gente fazia projetos conjuntos. Sabe, todas aquelas coisas que você faz para conseguir um dinheiro, ou você... Você deve conhecer isso...

L.H. – Claro. Convênios...

D.A. – ...que é próprio do centro de pesquisa.

L.H. – Isso. Termos de cooperação, convênios...

D.A. – E na época era muito mais difícil, porque... Em 79 e 80, era difícil ainda. Havia uma vigilância, não é? Bom, então, eu faço isso. E é aí que, então, eu começo a cuidar dos papéis dele e das correspondências. Digamos, um pouco... Entro nessa vida, não é? E continuo com a Ruth e com essa veleidade de doutorado na época, que logo abandonei, porque eu vi que a minha pesquisa... Eu tinha uma bela pesquisa. Porque lá onde eu trabalhava, em Salvador, eu fazia anamneses de muitos pacientes e fazia exames laboratoriais: espirometria, raios X... enfim, muita coisa, e fisioterapia respiratória. Então, eu tinha muitas coisas.

L.H. – Material.

D.A. – Material.

L.H. – Quer dizer, você tinha dados.

D.A. – Dados. E foi, se não me engano, por aí que a Sontag<sup>21</sup> publicou *Illness as metaphor, A doença como metáfora*. E a primeira vez... Porque ela escreveu dois livros: um, ela pegou tuberculose, e o outro, o câncer. E ela... Então, eu tinha basicamente... Era em pneumologia, e eu tinha justamente pacientes tuberculosos, negando sempre a tuberculose, não é?

L.H. – Sim. É uma doença muito estigmatizante e muito marcada.

D.A. – Exatamente. Bom, então, eu tinha uma bela pesquisa. Foi uma pena abandonar. Quer dizer, abandonar! Não conseguir. Muito bem. E daí... Então, como foi? Em 78, eu estou lá, em 79, e, em 82, ele vai para o Senado.

L.H. – Isso.

D.A. – Porque eu tinha uma... Aí tivemos um entendimento, que nunca foi falado, nunca foi falado... Eu nunca recebi uma ordem de Fernando Henrique em 29 anos. [riso] Nunca. Ele é

---

<sup>21</sup> A entrevistada se refere à escritora americana Susan Sontag, que publicou *Illness as metaphor*, em 1978.

incapaz de dizer: “Danielle, faça isso.” Então, eu digo assim: “Bom, e isso? Talvez eu pudesse fazer aquilo.” Aí ele diz: “É bom.” Então, é isso.

L.H. – Mas como é que você adivinha o que ele quer que você faça? [riso]

D.A. – Ah, porque as coisas começam a se amontoar. Então, eu fico nervosa com coisas muito amontoadas [risos], ou então, com papéis fora do lugar, ou de repente eu acho uns papéis que eu considero privados bem em cima da mesa e eu digo: “Não era melhor guardar?”, ou: “Posso guardar em algum lugar?”. Eu digo... Eu escrevi uma pequena introdução para a bibliografia dele, que está nesse livro... Não, eu não tenho ele aqui. Ah, tenho. Nesse livro do Maurício Font, que ele organizou... O Maurício Font<sup>22</sup> é um sociólogo cubano-americano que trabalhou no Cebrap numa época. Ele remontou uma biografia intelectual de Fernando Henrique a partir da obra dele. Então, ele pega pedaços da obra e tal.

L.H. – Que interessante! Eu preciso desse livro.

D.A. – Não tem lá na FGV?

L.H. – Não sei. Eu vou procurar.

D.A. – Se não tiver, eu procuro um para você, se te interessar.

L.H. – Me interessa, sim.

D.A. – Eu acho que para você é bom.

L.H. – Sim.

D.A. – Têm dois livros que você tem que... que eu acho que você tem que ver, fora os livros dele, que é esse daqui, que tem... O primeiro é em inglês, e tem em português.

L.H. – É o mesmo livro? É a tradução?

D.A. – É. Esse é a tradução desse.

L.H. – *Fernando Henrique Cardoso e a reconstrução da democracia no Brasil.*

D.A. – É desse cara.

L.H. – Ted Goertzel.

D.A. – Goertzel.

L.H. – Editora Saraiva.

D.A. – Ele agora está escrevendo um livro sobre o Lula, ele tem um *site*, e eu acho que é bem honesto, esse. Esse também. Só que o do Maurício é realmente... O Ted faz mais uma biografia, pegando tudo. Mas é muito interessante.

---

<sup>22</sup> Possivelmente a entrevistada se refere ao livro intitulado: *Charting a New Course: The Politics of Globalization and Social Transformation*.

L.H. – Certo. Eu vou anotar.

D.A. – Eu acho bem honesto mesmo. Bom, aí, no final...

L.H. – Você fez um texto, com uma bibliografia...

D.A. – Eu montei a bibliografia dele...

L.H. – In: Completa de Fernando Henrique Cardoso.

D.A. – Isso. E o que eu digo é que esse tipo de convivência é uma convivência que, na realidade, combina duas personalidades que se combinam, que... Porque é como eu te digo, ele não dá uma ordem, nunca. Você disse: “Como é que você adivinha?” Bom, adivinho porque, primeiro, eu fiz Ciências Sociais, eu tenho uma boa base, e eu sou uma pessoa organizada e discreta por educação, e acho que, enfim, há uma questão de inteligência que combina, evidentemente, e sabendo os interesses da pessoa etc., não é? Agora, o que fez com que eu pudesse fazer isso foi: eu acho que, essencialmente, ter feito Ciências Sociais com pessoas ligadas a ele, trabalhado no Cebrap com outros... Quer dizer, quando eu entrei no Cebrap, eu já conhecia vários deles, porque eu tinha conhecido na faculdade ou pelos livros que eu li e tal. Então, quando ele vai para o Senado, em 82, eu não vou para Brasília. Eu fico no Cebrap ainda e fico... É muito difícil você ser diretor administrativo quando o diretor-geral, digamos, o presidente, não combina muito bem. Porque administração você tem que combinar, tem que dizer: “Vamos fazer assim, tá-tá... E vamos.”

L.H. – E nessa época, quem era o diretor?

D.A. – Aí, primeiro foi o Juarez Rubens Brandão Lopes<sup>23</sup>, que é um sociólogo muito bom, mas nada... não é feito para dirigir coisa nenhuma, e depois começou o Gianotti<sup>24</sup>, eu acho, não é? Bom, mas aí eu disse que eu não queria mais. Porque aí aconteceu uma coisa. Porque quando ele foi para o Senado, em 82, eu continuava francesa. Então, por exemplo, eu não podia receber nenhum cargo do Senado. Porque a partir daí, começamos assim... Bom, ele foi vice-presidente e presidente da ISA, da Associação Internacional de Sociologia. Então, eu que mantive isso, porque ele estava no Senado. Então, eu fiz todo esse secretariado dele como vice-presidente e presidente. Então, a idéia é que eu ganharia um dinheiro dele e eu poderia fazer outras coisas, se eu quisesse, para mim. Porque eu sempre disse que, em 71, me tinham impedido de fazer algo e que eu iria terminar. Isso, eu tinha certeza que eu terminaria. Então, foi isso: ele vai para o Senado. Aí, outra pessoa recebia o salário e me dava a metade. Enfim, essas coisas que...

L.H. – Esses arranjos.

D.A. – Esses arranjos. E quando ele continuou... Aí, teve a campanha para a prefeitura, em 85, e aí, criou-se a seguinte situação: eu era importante para ele porque eu mantinha toda essa parte acadêmica – que durante muito tempo ele continuou, não é?

L.H. – Conciliou.

---

<sup>23</sup> Juarez Rubens Brandão Lopes foi diretor do Cebrap de 1982 a 1985, quando se afastou da instituição.

<sup>24</sup> A entrevistada de refere a José Arthur Giannotti, presidente do Cebrap nos anos 1984-90 e 1995-2001.

D.A. – Porque ele é uma pessoa dupla. Não tem como, não é? Então, ele continuava a ir para as reuniões da ISA, do grupo de trabalho, ele ainda escrevia *papers*, mas cada vez mais absorvido, porque logo mais foi a Constituinte, não é?

L.H. – Isso.

D.A. – Aí, a partir da Constituinte, realmente a coisa terminou – sempre teve ainda algum rabinho –, mas o que se criou com a equipe dele é que, na medida em que ele virou senador... Houve uma equipe política. Então, o Eduardo Graeff, por exemplo, que é uma pessoa que sempre escreveu muito para Fernando Henrique; a partir de 85, entrou a Ana Tavares, que foi a assessora de imprensa...

L.H. – E na época da Presidência também, não é?

D.A. – É. Então, a Ana está com ele desde 85; o Eduardo já estava antes, e o Eduardo sempre escreveu e sempre foi ligado ao Serra e ao Fernando Henrique, duas personalidades diferentes. Então, ele sempre escreveu e pesquisou em política. Então, eu ficava assim... “Não, a Danielle é do exterior.” Então, ficou sempre...

L.H. – Relações...

D.A. – “A Danielle é uma espécie de apêndice, sabe? É do exterior.” Então, isso foi ruim para mim, porque várias vezes – por exemplo, na época em que ele ganhou a Presidência – eu fiquei literalmente escanteada. Porque senador, já tinha muita gente ao redor; ministro das Relações Exteriores juntou o Itamaraty; ministro da Fazenda, você já imagina o que é, aí vem Banco Central e não sei mais o que; e presidente então, foi círculo de ferro, literalmente. E desde...

L.H. – Você não foi... Deixa eu voltar um pouquinho. Você não foi para Brasília quando ele assumiu o Senado?

D.A. – Não, eu nunca fui lá. Ia de vez em quando. E aí, em 86, eu me naturalizei, quando ele se reapresentou, na segunda... Porque aí eu assumi um cargo, de secretária parlamentar, que era o último dos cargos dele, era um pequeno DAS, como se diz, mas eu fazia... Porque a partir de 85, na minha extrema persistência, eu voltei a fazer mestrado e doutorado. Porque nessa altura, os créditos tinham vencido, eu tive que refazer tudo. Aí, fiz o mestrado com orientação da Ruth, mas o... Eu terminei o mestrado em 89, e aí, ele sempre continuando lá. Em 89, ainda está no Senado. E com ele, a partir do momento... ainda no Senado, eu tinha sempre alguma coisa para fazer, sempre, ele recebia correspondência, ele... Porque o Fernando Henrique fez parte, sempre, de muita coisa; ele sempre teve um pé naqueles conselhos internacionais disso ou daquilo. Se você vê o currículo dele, você vê que ele sempre tem um pé em algum lugar.

L.H. – Sim. É claro isso.

D.A. – Ou vários pés. E isso demanda sempre, também, uma pequena correspondência, arrumar uns papéis, fazer um dossiê, entendeu?

L.H. – Claro.

D.A. – Sempre tem coisa. Mas até, por exemplo, em oitenta e... Em vários momentos, eu fiz minhas pesquisas. A partir de um momento, ele então assegurava um meio tempo para mim,

digamos, de dinheiro, e eu fazia as minhas coisas. Aquilo que era as minhas coisas era o mestrado e o doutorado. E o mestrado e o doutorado, eu entrei na área de gênero, não é? Eu fiz tudo nessa área, e sempre em antropologia política, cultura e política, sempre. Agora, é meio esdrúxulo, porque eu não tenho... O meu mestrado é em Ciência Política e o doutorado é em Sociologia. Não tem nada a ver. Quer dizer, a política sim. Mas você sabe que, na USP, o único departamento de Ciências Sociais que tem algo a ver com gênero é Sociologia. O resto não quer saber. Não existe. Até hoje acho que não existe. Muito bem. Agora, na sequência, com o Fernando Henrique, o que vai acontecer é isso: de um lado, você é muito escanteada pela equipe política, o que faz com que eu desenvolva as minhas pesquisas, eu tento passar em concursos de projetos, bolsa de mestrado, e depois, bolsa de doutorado, para conseguir viver, não é? Porque senão, não viveria.

L.H. – Deixa eu te perguntar uma coisa. Essa manutenção que você fica fazendo esse tempo, do arquivo dele, da correspondência, enfim, dos projetos...

D.A. – Ainda não é tão completo como é agora. Era, basicamente, arquivo sociológico, de cientista social, e um pouco de política.

L.H. – Certo. E essa representação institucional que ele fazia.

D.A. – Isso.

L.H. – Isso, fisicamente, essa documentação estava aqui em São Paulo?

D.A. – Estava em São Paulo. Então, eu guardava isso... Bom, eu cuidava da obra dele.

L.H. – No Cebrap?

D.A. – Não, não.

L.H. – Isso ficava no Cebrap, fisicamente?

D.A. – Não, não. Primeiro, ficava no Cebrap... São fichários que foram me acompanhando. Aonde eu ia, os fichários seguiam. Então, eu tinha... Aí eu passei a organizar. Tanto é que essa bibliografia foi o resultado de um trabalho que eu tinha, não é?

L.H. – De muitos anos.

D.A. – Então, a autoria, de um lado, e a vida profissional, isso que eram as... Essa coisa, não é? E isso cabia em... Os livros dele ficavam na casa dele, tudo que fosse da família ou de cartas ou dos avós etc., tudo isso estava na casa dele, não é? Então, eu guardava... E da vida profissional, ainda tinha metade na casa dele. E a partir do momento que ele foi [para o] Ministério, aí mudou completamente, ele ficou totalmente absorvido. Então, nem as correspondências. Aí eu não tive mais acesso à documentação. Quer dizer, continuei... O que eu fiz lá? Bom, digamos... em 93... Em 92, ele assumiu chanceler, e em 93. Em 92, aí cria um vazio, porque ele é totalmente... Eu pensava que eu... Porque todo mundo... as minhas amigas diziam: “Danielle, agora, com a sua tarimba internacional...” [risos] E nada. Porque lá...

L.H. – O Itamaraty então, não tem *staff*...

D.A. – ...é superorganizado e ninguém admitiria que tivesse. A Ana conseguiu. Mas a Ana tem um ego deste tamanho, fortíssimo, sabe? A Ana é... E ela penou, mas ela conseguiu ficar lá. Ela tomou de assalto uma sala, literalmente... [risos] Não, a Ana é um personagem... É fortíssima. Eu respeito ela muito. Porque não é fácil, não é? Porque nessas coisas organizadas, de burocracia, você tem todas as coisas que você vê e todas as invisíveis, não é?

L.H. – Sem dúvida.

D.A. – Então, é difícil. Bom, a partir daí, eu vejo ele muito pouco. Muito pouco. Mas eu fico então no escritório político que ele tinha, na Rua dos Ingleses, que era uma casinha...

L.H. – Aqui em São Paulo.

D.A. – Aqui em São Paulo. Então, isso, a gente se instalou lá a partir de 86, me parece. Eu não me lembro exatamente, mas depois da Prefeitura. É, na época da Constituinte eu já estava lá. Então, eu ficava lá cuidando das correspondências que tivesse, de alguma coisa que ele precisasse e tomando conta da autoria. Porque isso sempre... Como ele sempre escreveu, sempre... então, sempre demandou algum trabalho. Ou então, os artigos dele. Porque as secretárias do Senado nem sempre sabem quem é Vigotski ou Weber, então, eu sempre fazia uma revisão.

L.H. – Uma revisão.

D.A. – Bom, a Fazenda, nem se fala. Então, eu tive que... Portanto, aí já estou fazendo o doutorado, nessa época, e aí eu vi que era melhor eu mergulhar no doutorado e... Mas nunca mergulhei completamente, porque sempre havia alguma necessidade. Ele sempre ligava, dizia: “Danielle, precisa disso, daquilo...” Mas escanteada resto. Ou seja... Agora, nesse... Bom, chegamos na campanha presidencial. Bom, aí, a campanha... Aí, essa foi dura. Porque todo mundo, nas campanhas em geral, tem um momento que as pessoas ganham dinheiro também, não é? Mas não. Eu dei então um dia de trabalho por semana e eu fui trabalhar na Fundação Carlos Chagas novamente, onde eu fui assim: fui, em 96, um ano, em meio tempo – porque lá eles pagam super mal, dão pequenas bolsas –, mas eu fiz vários trabalhos que me interessaram. Bom, então, em 94... Aí, ele sai do Senado e eu também, porque eu continuava com esse cargo pequeno, de meio tempo. E aí chegam as eleições. Aí, você imagina o que é. E foi muito engraçado porque eu não o vi quando... na campanha, ele viajou muito etc. Eu via ele uma vez por semana, aqui em São Paulo, no escritório. Aí, assim que ele foi eleito, ele me ligou, ele disse: “Danielle, eu vou sumir, eu vou sumir por aí uma semana, na volta eu falo com você.” Muito bem. Ou seja, ainda bem que eu tinha um salário, que eu tinha uma ocupação, porque aí eu fiquei sem nada mais de um ano. Porque ele assumiu em janeiro e aí... Bom, quando ele voltou, antes de viajar para a Europa etc., ele me disse: “Bom, olha, vai ser assim, eu vou viajar, vai ser muito difícil, mas na volta vamos conversar.” Eu digo: “Tudo bem.” Bom, aí, chega a posse, eu vou à posse...

L.H. – Em 95.

D.A. – Em 95.

L.H. – Em janeiro de 95.

D.A. – Isso. A gente já está em janeiro. Muito bem. E lá... Bom, nisso, o escritório político

continuava a existir aqui, com os documentos, aqueles dos quais eu cuidava sempre.

L.H. – Sim. E essa parte política de campanha também?

D.A. – Não. Aí, de campanha, isso sempre foi uma coisa... Um belo dia lá, no ano seguinte, baixaram umas caixas. Mas quem, na realidade, quem organizou bem... O material que eu tenho da campanha de 94 é porque a produtora dos programas de televisão, ligada ao Nizan Guanaes e tudo, eles, no fim, fizeram uns CDs com as fotos, que a gente tem aqui, e o material, eu fui recolhendo. Porque isso eu faço. Ou seja, cada vez que eu vejo alguma coisa que vai completar... Então, isso é uma coisa minha. Ou seja, recolhi coisas de MDB, recolhi coisas de PMDB... Porque, você deve saber, é raro um partido fazer o seu arquivo.

L.H. – Sem dúvida.

D.A. – É muito raro.

L.H. – Têm muito poucos no Brasil.

D.A. – Muito poucos.

L.H. – Você não tem... E mesmo na França, eu estive lá há pouco tempo...

D.A. – É, mesmo...

L.H. – ...tem poucos arquivos de partido.

D.A. – É interessante isso, não é? Porque é um movimento extremamente agitado. Porque a política é: fazemos. Vamos fazer. Fazemos. Vamos fazer. Fazemos. Mas vai embora. A maior parte do que nós temos de 68 foi uma coisa... Você não sabe em que estado isso... Eles jogavam as coisas assim, caixas... Nos escritórios políticos. E eu fui recuperando.

L.H. – Então, de alguma maneira, você também foi agregando coisas a esse...

D.A. – Ah, fui, não há dúvida. Fui.

L.H. – ...a esse núcleo acadêmico que...

D.A. – Fui. Eu tinha as minhas caixas que se chamavam MDB, PMDB, e eu fui... Cada vez que eu podia, ou as vezes que eu fui a Brasília, ou as vezes que eu fui à casa dele, sempre eu... Eu sempre recolhi. Isso é um fato.

L.H. – Deixa eu lhe perguntar aqui um detalhe. No caso do arquivo do Darcy, como eu estava comentando ontem com o presidente, é muito nítido a presença e a atuação da Berta Ribeiro, que era uma secretária, era uma antropóloga... enfim...

D.A. – Muito boa. Fez coisas boas, a Berta.

L.H. – ...uma doutora em Antropologia etc., mas que, realmente, até ele entrar na política e ter um *staff* que se ocupava, de alguma forma...

D.A. – Era ela.

L.H. – ...era ela, de uma maneira muito sistemática, muito cuidadosa. E é muito perceptível o arquivo que ela constituiu. O arquivo dele que ela constituiu. Então, é uma curiosidade. A dona Ruth, que também é uma antropóloga, que tinha todo um contato com essa área acadêmica, ela cuidava desse acervo dele? Ela tinha algum...?

D.A. – Não, não, não. Absolutamente. Um: a Ruth é extrema...

[FINAL DO ARQUIVO pho\_1518\_danielle\_ardaillon\_2007-01-12\_01]

L.H. – Então, vamos retomar. A gente estava falando... Eu lhe perguntei sobre...

D.A. – Se Ruth fazia.

L.H. – ...se a dona Ruth participava dessa...

D.A. – Não. Absolutamente não. Eu acho que... Bom, primeiro, o que talvez seja diferente com Berta, Ruth teve três filhos, várias viagens, eles moraram em vários lugares, portanto, ela teve sempre muito o que fazer e que ver, além da profissão. E eu acho que ela fez um enorme esforço sempre, determinado, para ter a vida dela. Porque a vida dele é extremamente invasora. Eu já cheguei na casa dele vendo... Bom, está bom, é uma pessoa que trabalhava na campanha, mas assim, deitada na cama dele, conversando com ele, que estava numa poltrona. Quer dizer, com *sans gêne*, que para mim, na minha educação, eu acho isso... Aliás, o mundo da política em geral, para mim, é terrível, porque as pessoas entram, literalmente, na sua intimidade e devastam, não é? Então, eu acho que a Ruth, é minha interpretação, primeiro, ela é uma pessoa extremamente discreta, reservadíssima. É difícil saber se você é amiga da Ruth ou não, porque ela é muito reservada. Nós duas somos filhas únicas, então, tem coisas que eu entendo, sim, de estar acostumada a você estar sozinha com você, se organizar e tal. Mas ela... Então, eu acho que foi difícil para ela manter a vida profissional dela, com assuntos separados. Embora tenha participado sempre. E muito. São pessoas que se falam todos os dias, estejam onde eles estiverem. Então, é um casal que se fala e que... Eu acho que para ela não era fácil. Não era fácil de repente ter quinze deputados na sala, com aquela... “Minha filha, me dá um café”, sabe? Eles são abomináveis. Então, não foi fácil para a Ruth ter a vida dela. E ao mesmo tempo, porque ela adora política, participar, do lado dela, dentro... Isso ficou bem patente, eu acho, na Presidência, não é? Agora, ela é extremamente descuidada em relação a arquivar, arquivos, com o próprio currículo. Dois anos atrás, eu tive tempo, eu organizei o currículo dela, que nunca foi organizado. Então, é curioso, ela é muito... pouco cuidadosa de amontoar o dela, por exemplo. Porque fazer o currículo é a primeira coisa que você faz...

L.H. – É a primeira consulta.

D.A. – ...para ver o que você fez, enfim, ter um olhar sobre aquilo que você realizou. Eu acho sempre curioso que ela... É muito desprendida com isso, não é? Então, ela não participou, nesse sentido. Ela suportou a vida política, eu acho. Ela tem... Ela é uma pessoa de... adora política e tem sempre comentários muito precisos. Ele a escuta muito, ou seja, ela é uma pessoa que tem muita influência na vida dele. Ela é extremamente presente. Agora, do lado de arquivos, não. Ela é muito desprendida com papéis e ela... Por ela... Quer dizer, em muitas coisas a gente combina. Quer dizer, ela entregaria tudo isso para o Arquivo Nacional e adeus, e não se incomodar em... Enfim, é outra relação.



L.H. – É outra forma de lidar com esse acúmulo, não é?

D.A. – É.

L.H. – Porque às vezes as esposas têm um papel nisso, não é?

D.A. – Ah, sim.

L.H. – Mas não é o caso do Fernando Henrique. Então, bom, me conta, quando é que... Eu fiz essa interrupção quando você estava me contando... Bom, ele foi eleito e você foi à posse, em janeiro de 95.

D.A. – Bom, eu fui à posse. E aí, pensando... Eu achava que seria absolutamente natural continuar lá, quer dizer, acompanhar a Brasília, e justamente continuar a fazer o que eu fazia, ou seja, a parte que requer discricção, que requer... em tudo. Ou seja, você não aparece, não é conhecida etc. e vai fazendo as suas coisinhas, que é importante para aquela pessoa naquele momento. E eu notei que as coisas... já tinha muita coisa armada. Aí, agora eu não posso citar nomes, mas, enfim, houve uma política de escanteio muito determinada, por parte de pelo menos duas pessoas que estavam próximas dele e...

L.H. – Em relação a você especificamente ou a outras pessoas?

D.A. – Em relação a mim, me dizendo: “Não, para você não tem nada a fazer lá em Brasília, no palácio, não tem nada para fazer. Você podia ficar assim... Você podia ficar, por exemplo, na Funarte, com essas coisas da classe artística.” E eu dizendo... Aí, eu... Bom, teve isso. Teve outro que dizia: “Mas o que você sabe fazer exatamente?” Eu digo: “Bom, eu sou cientista social, faço isso, faço aquilo. Eu posso trabalhar em muitas coisas, não é?” “Então, se você está aí, então eu vou falar com o fulano de tal, que é sociólogo lá, que é um assessor.” Aí, eu cruzei com esse assessor várias vezes e ele nunca falou comigo. Então, você sente, não precisa... Aí eu pensei... E eu fui falar com a Ruth, quando saiu esse negócio de Funarte, eu disse: “Ruth, está acontecendo uma coisa tão esquisita etc. e tal, não é?” Eu fui até visitar a Funarte aqui. É um lugar horrível. Meu Deus! Você chega lá, as pessoas comendo feijão com arroz na mesa. E Fernando Henrique... Aí eu fui... Eles me chamaram... Eles foram... Porque ele estava... imagina! O começo de governo é um horror. Eles me chamaram, eu passei uns dias lá com eles, e Fernando Henrique disse: “Bom, vamos ver onde que eu boto você.” Eu digo: “Olha, bote em algum lugar que eu possa ser útil.” E aí, um belo dia... Aí, nisso, eu continuo na Fundação Carlos Chagas, que era sempre o meu refúgio, onde eu estava desde o início da campanha, na realidade. Aí, um dia, me ligam lá de Brasília e uma pessoa que trabalhava na Casa Civil me diz assim: “Danielle, você precisa entrar em contato com a fulana de tal, que é secretária de Assistência Social lá em Brasília.” Eu digo: “Bom, mas como?” “Ah, você entra em contato com ela no telefone tal.” Aí, eu ligo para a fulana, eu digo: “Bom, falaram para entrar em contato com a senhora, então, o que eu posso fazer?” “Bom, a senhora vem agora falar comigo lá no ministério.” Eu digo: “Não, mas eu estou em São Paulo.” “Ah! Então a senhora vem amanhã aqui.” Eu digo: “Bom, tudo bem.” Paguei a minha passagem e fui lá. Bom, enfim, para encurtar a história, eu tive então uma... Eu passei dois meses lá em Brasília, em maio... entre maio e junho de 95, com uma equipe de pessoas que vinham de Goiás, para montar a estrutura da Secretaria de Assistência Social, que estava sendo criada na estrutura da Previdência Social. Porque era uma determinação da Constituição de 88 que nunca tinha sido feita. Tinha uma lei

que chama Loas<sup>25</sup>, sobre uma... de Assistência Social, e isso nunca tinha sido implementado, desde 88. Então, em 95, resolveram implementar e foi dado a esta política de Goiás esse pedaço, para ela cuidar. Nem me lembro mais de que partido ela era. Acontece que era uma mulher, portanto, que tinha perdido as eleições para governadora de Goiás e que chegava lá com toda a sua equipe, que queria o governo de Goiás, não é? Todos. E eu, Danielle Ardaillon, com este estilo meu, mandada lá. Eles imediatamente entenderam que, se eu era mandada do palácio, era uma olheira. E eu não sei o que é ser olheira. Enfim, não é o meu estilo. Porque, para ser olheira, você tem que ter... é também entrar nas portas fechadas, abrir as gavetas que são dos outros. Você tem que ter esse estilo, o que eu chamo estilo texano, ou goiano, [*riso*] e que é isso que eu não tenho. Bom, então, acontece que eu não sabia o que eu estava... Ela me tratava muito bem, me convidava para almoçar... Me tratava muito bem. Quando eles conseguiram fazer, ela me reservou um DAS que eu achei absurdo. Porque tanto a Ana Tavares... A Ana Tavares era subsecretária, o Eduardo Graeff era não sei o que, e eu ia ficar aquela coisa? Eu disse: “Não. Não é possível. Inclusive, isso não dá para eu viver em Brasília, mantendo a minha casa de São Paulo e tal.” E era para fazer uma coisa absolutamente ridícula. Mais ou menos fazer um *mailin*, sabe? Bom, aí eu passei uma semana inteira chorando, naqueles hotéis infames de Brasília, porque a diária era mínima, no fim do qual eu liguei para Fernando Henrique. Eu disse: “Bom, presidente, eu quero informá-lo de que eu não voltarei para a Secretaria.” Ele disse: “Por quê?” Eu digo: “Porque é impossível simplesmente.” “Mas é você que quer ou são eles?” Eu digo: “Não, sou eu.” Muito bem. Então, estou aqui em maio, depois dessa experiência absurda. A única coisa que foi boa é que me valeu uma representação do Ministério da Previdência Social na comitiva que foi para a Conferência Mundial da Mulher, em Beijing.

L.H. – Ah, bom.

D.A. – Aí valeu.

L.H. – Valeu.

D.A. – Valeu. [*risos*]

L.H. – Porque aí tinha tudo a ver com os seus interesses.

D.A. – Tudo a ver com os meus interesses, com diárias do Ministério excelentes... É impressionante!

L.H. – E, certamente, dezenas de pessoas que não tinham nenhum interesse pelo assunto, não é? [*risos*] Mas é assim, não é? É assim.

D.A. – Até que pelo menos a embaixadora que liderava as discussões na ONU era muito boa. Teresa Quintela, ela se chamava. Muito boa, feminista... Assim, com pelo menos... bastante... Porque o Itamaraty é horrível para as embaixadoras. É um ambiente super machista. Bom, aí terminou essa minha primeira incursão em Brasília, e continuei aqui na Fundação Carlos Chagas, sabendo que...

L.H. – Voltou para São Paulo?

D.A. – Mas eu estava realmente com dor-de-cotovelo, pensando: “O que eu estou fazendo aqui?”

---

<sup>25</sup> Loas – Lei Orgânica de Assistência Social.

É absurdo isso!” Até que... A Ana sempre foi muito solidária comigo, a Ana Tavares, e foi ela. Porque aí ele já tinha começado a fazer as transcrições... As transcrições não, as gravações...

L.H. – Certo.

D.A. – ...daquele diário.

L.H. – Sim, que ele começou a fazer por sugestão da Celina Vargas, como ele conta...

D.A. – Exatamente.

L.H. – ...gravar suas impressões diárias.

D.A. – Ela tinha dado um caderno para ele escrever, mas ele preferiu gravar. Então, ele estava fazendo essas gravações, estava gravando, gravando e tal e ele se deu conta que tinha que transcrever. E eu acho que foi a Ana que disse: “Bom, a única pessoa que vai fazer isso é a Danielle.” O que foi ótimo, porque eu podia ter então um cargo da Presidência, ficar em São Paulo para fazer isso e terminar o meu doutorado. Aí, eu terminei o meu doutorado em três meses e comecei a fazer essas transcrições. Foi aí que... Aí eu fiquei da maneira seguinte... Primeiro, por quê? Então, aí ele me chamou – isso foi em setembro de 95 –, ele me chamou, eu fui lá, e como sempre, eu... Aí eu já conheci, naquela época, o pessoal da Documentação Histórica. Porque estava lá uma mulher absolutamente inepta para o cargo, uma mulher que era economista, que não tinha noção etc., e estava fazendo bastante coisas assim... que eu achava inadequadas. Mas o que eu soube logo que eu fui lá e que eu não sabia até então é que havia a tal lei de Sarney.

L.H. – Isso.

D.A. – E que, portanto, a partir de 1º de janeiro de 95, todos os papéis anteriores etc. do cidadão eram considerados como seu...

L.H. – De interesse público.

D.A. – De interesse público. Muito bem. Daí então foi lá que... Bom, ele me pediu para fazer as transcrições. E quando eu soube desse negócio da lei, eu comecei imediatamente a estudar essa questão. Então, o negócio da lei e tal, como que era feito lá na Documentação Histórica, eu vi uma série de coisas, e logo a seguir, um mês ou dois meses depois, eu disse: “Olha, eu acho que...” E aí a gente já começou a pensar que teria que ter um lugar para colocar aquilo tudo. Ou não. Ou você deposita tudo no Arquivo Nacional, se quiser, ou aí vai ter que ter um lugar.

L.H. – O Sarney já tinha...

D.A. – O Sarney já tinha, não é?

L.H. – ...tido um movimento de criar um...

D.A. – Ah, não, ele já tinha criado o negócio dele. E até então, eu não sabia nada sobre arquivos. Nada. Quer dizer, nada.

L.H. – Tinha um domínio intuitivo, não é?

D.A. – Sim. Era organizar papéis. Era uma coisa. Mas o aspecto de lei, de como funcionava etc., nada. E aí, então, que ele... Quando foi o início de 96, então o Eduardo Jorge disse: “Danielle, eu acho que era bom você dar uma geral nesse negócio, para saber como funciona.” E aí, então, eu fiz uma grande pesquisa. Comecei pelo Brasil, e aí eu fui ao Cpdoc. Na época, eu conheci a Priscila e o Celso. Então, eu conversei com eles. Então, fui a todos os lugares onde havia arquivos políticos. No Rio, eu fui no Cpdoc, no Museu da República, no IFHGB, lá como sei eu...

L.H. – IHGB.

D.A. – ...IHGB e no... Eu fui então ao Maranhão, fui visitar, e eu achei terrível, terrível, o estado da coisa, a organização, tudo muito, muito complicado. O que mais eu fui ver? Fui ver... Bom, fui para Brasília, ver o Kubitschek, como que estava o Memorial. Na época, não tinha nada.

L.H. – O Memorial vazio.

D.A. – É, o Memorial estava só com o caixão. Tinha umas decorações e tal, mas o arquivo estava intocado até então, não é? O que mais? Bom, e daí, imediatamente foi planejada uma viagem. Então, eu fui ver, nos Estados... Primeiro eu fui aos Estados Unidos, fui a Boston, ver do Kennedy; de lá fui para Atlanta, do Carter; fui ver dois em Austin, o Johnson e vi o projeto do George Bush, o pai, também no Texas. E em todos esses lugares... Aí eu ia como assessora da Presidência da República. Então, eu podia ter acesso a cada diretor de cada uma dessas bibliotecas, visitar as reservas técnicas etc. O que mais que eu vi? Eu vi mais... Carter, Kennedy – não fui a Roosevelt, mas eu fui também ao Reagan – e então, Johnson e Bush. Eu vi tudo isso. Foi superinteressante. Daí eu dominei bem o assunto das bibliotecas presidenciais e vi imediatamente que isso não seria o caso no Brasil porque é uma questão de lei e de cultura. Os dois, tanto de sistema jurídico como de sistema cultural. Aqui se mama o público o tempo todo. Quer dizer, não há costume de o privado dar ao público. É sempre ao contrário, não é? Enquanto lá não, porque todas essas bibliotecas são totalmente construídas com fundos privados e doadas à União no dia que ele deposita todos os documentos do *Cabinet*. Ou seja, não são apenas os arquivos privados, não é?

L.H. – Os pessoais.

D.A. – São arquivos públicos. São arquivos do governo. Ou seja, é outra coisa, entendeu?

L.H. – Certo.

D.A. – É como se de repente... E como o *Cabinet* lá funciona na Casa Branca, são os arquivos da Casa Branca, quer dizer, da Presidência e dos principais ministros, não é? Então, é como se tivesse realmente o todo. É mais do que simplesmente, por exemplo, o Palácio do Planalto. Tem mais documentos públicos.

L.H. – Certo.

D.A. – Então, o grosso das bibliotecas presidenciais não é privado, é público. E eles fazem... Então, a lei americana é superinteressante, não sei se você conhece, mas ela foi feita em várias etapas, o primeiro que começou foi Roosevelt... Eu não vou te contar isso porque não sei se te

interessa, mas é bem interessante como história. Se você tiver tempo de entrar em *sites* e tal... Porque Roosevelt foi o primeiro que... Como ele teve quatro mandatos, ele morreu no quarto, ele teve a idéia de que os papéis... era importante guardar papéis. Porque até lá, todos esses papéis da Casa Branca ou do lugar onde se governava eram considerados do presidente e muito se perdeu. Porque os Estados Unidos, ao contrário do Brasil, não tiveram um arquivo público como nós temos desde o Império. Nós temos muito mais coisas, se quiser, guardada, antiga etc. do que, eventualmente, os Estados Unidos.

L.H. – É mesmo, Danielle?

D.A. – É mesmo. É mesmo. Vários deles queimaram documentos fundamentais. Quer dizer, o que se guardou foi por acaso, antes do...

L.H. – Do Roosevelt.

D.A. – ...do Roosevelt. Agora, evidentemente que o setor privado sempre guardou muito. Porque como o privado está acostumado a não contar com o Estado para nada e a detestar o Estado, então você tem muitos arquivos privados, em compensação, não é? Mas então, Roosevelt decide fazer uma primeira leva e ele diz: “Eu dou a metade da minha propriedade...” Ora, quem faria isso aqui? E uma bela propriedade. “...para que os meus papéis sejam depositados lá.” E ainda falando “meus papéis”, não é? E a partir daí, na sucessão dos anos, mas particularmente a partir do Nixongate, do Watergate, quando Nixon quis esconder algumas coisas, algumas gravações que ele tinha feito, e aí teve toda aquela história. Aí, a lei foi mudada. Ou seja, a partir daqui, foi decidido que esses *papers* todos, *records* e tudo mais, não são do presidente, que são efetivamente da Nação, que tem os públicos e que tem os privados. Eles consideram privados, basicamente, os diários do presidente, o que ele fez no partido dele ou as campanhas, mesmo de reeleição, tudo que ele faz no partido são... e correspondência pessoal. O resto todo é absolutamente público. E a lei, depois teve mais uma, onde foi tudo dito, o que é pessoal, o que é público, tal coisa e tal coisa. E por fim... Isso aconteceu com o Reagan. Aí, cada um começou a construir uns negócios... porque eles doam à Nação e a Nação mantém. São arquivistas públicos que ocupam essas bibliotecas. E eles não têm tempo marcado para abrir. Quer dizer, normalmente, tudo lá o máximo é 30 anos, entre doze e 30 anos, mas tem muita coisa que não abre. E a família... Por exemplo, o dossiê médico é considerado privado. Então, a família de Kennedy, por exemplo, até hoje eu acho que não abriu inteiramente o dossiê médico dele. Porque ele tomou muita droga, por conta da coluna dele, não é? Ele tinha várias coisas complicadas. Bom, e daí, com o Reagan, eles perceberam que... O Reagan fez um *ranch* à la californiana, e aí é Hollywood. Se um dia você for para Los Angeles, dê uma ida até lá. Vale a pena, porque é Hollywood. Tem os vestidos da dona...

L.H. – Nancy.

D.A. – ...Nancy, tem as botas, tem...

A.P. – Que estava na festa de aniversário do Michel Douglas.

D.A. – Isso. E a Nancy, então, tem roupas da Nancy, tem filmes que fizeram, tem, evidentemente, as fotos dos dois. Então, uma maravilha. E cada uma é... Bom, e aí, mais uma lei, que disse: “Está bom. Vocês constroem o que vocês quiserem, mas o Estado norte-americano só vai pagar a eletricidade, a água, a climatização de  $x$  metros quadrados. A partir daí, vocês têm que ter uma fundação, é obrigatório etc.” Aí limitaram realmente, porque estava

ficando... E tinha uma forte oposição, justamente, sempre, de que o Estado pague o privado. Enfim, alguma coisa dessas.

L.H. – Ainda que não fosse o privado estritamente, não é? Ao contrário.

D.A. – Não, não é. Mas assim, que ajudaria a manter os mitos, como as pirâmides dos faraós. Isso é o tipo de oposição que se faz. E também há outra oposição que não é negligenciável, que é de dizer: “Bom, vocês estão colocando tudo nesse lugar. E se uma bomba cair em cima disso?” Tem muita oposição constante.

L.H. – Certo.

D.A. – Então, isso é a lei americana. Fui à Europa, vi os institutos na França – o Mitterrand<sup>26</sup> acabava de morrer, em 95 –, eu vi Madame Bertinotti, que é a *tutrice des archives*, e ela estava...

L.H. – Você conseguiu...

D.A. – Duas vezes eu a vi. Eu a vi no apartamento do Mitterrand, onde ele morava que eles estavam com todas as caixas e tal, e fui visitar ela no Institut, lá no Marais, que, evidentemente, minguou, e toda aquela... Ah, isso é outra discussão que um dia a gente pode ter. Essa memória viva, quando o cara é morto, é uma discussão que eu acho que é complicada, manter a chama e tal. Lá, os americanos mantêm sim. Mantêm um mito, não há dúvida, porque a biblioteca tem um lado que relembra, com objetos, não somente os grandes feitos do governo, os pequenos [inaudível], mas as coisas, as realizações e alguns lados pessoais. Então, o personagem está ali, não é? Então, o Institut Français, como você sabe, há uma doação do Estado, única, e mais nada, que permite ter um lugar e colocar, mas depois fica à mercê de você ter um fundo, como em outros lugares. E aí depende muito se o partido vai ajudar ou não e tal. Não fui ver o Mendès France<sup>27</sup> porque ele não foi presidente e tal, e fui ver...

L.H. – Mas ele tem um arquivo muito rico.

D.A. – Parece que é muito interessante.

L.H. – Ele tinha uma...

D.A. – Não, ele era uma pessoa notável.

L.H. – É uma personagem interessante também.

D.A. – Muito.

L.H. – Mas ele tinha... Eu entrevistei o filho dele, que atualmente é o responsável pelo Institut...

D.A. – Ah, é. Pois é, porque aí a família se interessou, não é?

L.H. – Isso. E ele, o pai tinha realmente uma atuação de... Ele criou um arquivo, constituiu um arquivo...

---

<sup>26</sup> François Maurice Adrien Marie Mitterrand foi presidente da França (1981-1995)

<sup>27</sup> Pierre Mendès France, primeiro-ministro da França (1954-1955).

D.A. – Ele era mais intelectual. Porque o...

L.H. – ...fez uma pesquisa genealógica grande.

D.A. – É. Mendès France escreveu sobre... quer dizer, ele tem livros publicados. E depois, foi a época da descolonização, foi muito forte, e ele foi tão combatido, não é? Eu acho que... Agora, Mitterrand... Bom, então eu vi l'Institut e eu achei que isso... Só tinha ela e uma moça e mais alguém, eu acho. Muito pouca coisa. Aí eu fui ver a madame... Claude René-Bazin *elle s'appelle?*

L.H. – Paule René-Bazin.<sup>28</sup>

D.A. – Paule René-Bazin, que é da História Contemporânea. E foi muito boa essa conversa com ela porque aí ela me falou sobre um certo... assim, sobre o que eles consideravam que era realmente era... no sistema francês de depósito etc., que os *Archives Nationales* não se interessavam por comprar, por exemplo, umas cartinhas de amantes de fulano ou de sicrano e que... Eu fui ver também a mulher que faz... que cuida dos arquivos no Elysée. No seminário, veio uma dessas, que cuidava do... Ah, como se chamava aquele presidente? Bom, agora eu esqueci. Antes do Mitterrand.

L.H. – Giscard d'Estaing.

D.A. – Giscard d'Estaing. Então, eu fui ver isso e depois eu fui a Lisboa. E eu achei que o estilo era mais para ser estilo Mário Soares<sup>29</sup>. Era isso que eu tinha em mente um pouco, quer dizer, que tivesse a relação com o personagem. Já que aqui, vendo o que estava sendo feito no Maranhão, e os outros... Bom, porque o Juscelino não tinha ninguém. Isso foi há três anos atrás, que eles começaram a se... Três não. Mais. Cinco. Que eles começaram a se mexer a chamar ajuda do Arquivo Nacional, teve muito dinheiro que veio do marido da neta do... que é deputado lá em Brasília, que resolveram fazer, não é? Mas quando você vê o Maranhão, é... Não é... Não cabe na cabeça de ninguém colocar um arquivo importante – porque é um cara que atravessa um tempo enorme de um estado, e toda uma família – num lugar absolutamente inadequado para arquivo. Quer dizer, é uma...

L.H. – Um convento.

D.A. – Um convento. Quer dizer, é um convento que foi ocupado por militares. Na realidade, é um convento-forte, não é? Você conhece?

L.H. – Não.

D.A. – É tudo tão mal-ajambrado. Quando eu estive lá, em 96, era dirigido, e eu acho que ainda é, o administrador era um cara da Polícia Militar, provavelmente a quem Sarney devia favores. Então, a biblioteca... E o Sarney é um intelectual. Ele tem obras raras. Lá é Equador, é dois graus de latitude sei lá o quê. É Equador, é perto do mar, então, é aquela umidade salgada. Então, a mulher da biblioteca abria as janelas grandes assim, o sol entrando. Aí eu vi já várias

---

<sup>28</sup> Chefe do Curso Técnico Internacional do Arquivo de France (1988-1995), chefe do Arquivo Nacional (1995-1998), vice-diretora de patrimônio, memória e arquivos do Departamento de Defesa (1998-2005), arquivista do movimento ATD Fourth World, vice-presidente da Associação de Estudos sobre a Resistência.

<sup>29</sup> Mário Alberto Nobre Lopes Soares foi presidente de Portugal (1986-1996).

etiquetas com uma tinta – incrível, é tinta ainda – toda pálida. Aí, timidamente, eu disse: “Olha, a senhora não acha que seria melhor fechar a janela? O sol...” “Mas minha filha, eu não posso fazer nada porque *aquele homem* quer tudo aberto!” Aquele homem é a Polícia Militar. Isso, em 96. Quando eu fiz parte da Comissão Memória dos Presidentes, nós conseguimos dinheiro para o Arquivo Nacional ir lá buscar os filmes, porque ele tinha filmes, trazer tudo para o Rio, re...

L.H. – Rebobinar.

D.A. – ...rebobinar, refazer, digitalizar e tudo. Custou bastante dinheiro. E ainda eu exigi que a matriz, reconstituída, ficasse no Arquivo Nacional e que ele ficasse com uma cópia. Ele consentiu. Porque era tudo... Você não sabe. Ele tinha todas as fotos naqueles álbuns Kalunga, sabe?

L.H. – Meu Deus!

D.A. – Assim.

L.H. – Meu Deus! É a pior das piores coisas.

D.A. – Olha, inacreditável, inacreditável!

L.H. – Ou seja, ele teve uma preocupação, mas não...

D.A. – Sim, mas com essa cabeça provinciana.

L.H. – ...mas não teve uma consequência...

D.A. – É uma pena, porque é um homem ilustrado, um homem lido, acadêmico, que parece que é um contador de histórias maravilhoso, ele é superinteressante, e aquela limitação, não é?

L.H. – É engraçado, não é? É uma contradição.

D.A. – Como ele foi o primeiro acervo... Porque como ele fez a lei, ele fez a lei *ad hoc*, para criar aquela secretaria. O Departamento de Documentação Histórica era uma secretaria com 80 pessoas, dentro do gabinete do presidente. Quer dizer, dentro da estrutura. Oitenta pessoas, não é? Continuou, com... E era só para tratar o arquivo. Ainda não era para fazer a correspondência, como foi se tornando. Na realidade, hoje é um serviço de correspondência do presidente e organiza o acervo. Então, ele foi o primeiro acervo presidencial regido por essa lei, tratado nessa secretaria e que saiu com disquetes. É a primeira organização eletrônica.

L.H. – Deixa eu te fazer uma pergunta, Danielle. Quando você fez essas viagens e foi conhecer as bibliotecas presidenciais americanas etc., você ainda não estava responsável pela documentação do palácio.

D.A. – Não. Eu era uma assessora especial da Secretaria Geral da Presidência, portanto, para atender ao presidente em São Paulo, o que significava fazer todo o seu, digamos, secretário absolutamente pessoal e fazer essa pesquisa e desenvolver o projeto do que se faria depois.

L.H. – Então, já era um projeto para depois da presidência.



D.A. – Exatamente. Por conta da descoberta de que havia a lei e que íamos respeitar a lei e pelo fato de, evidentemente, o Fernando Henrique querer que isso seja feito, ter a noção de que tudo que ele sempre guardou, porque ele guarda coisas desde sempre... Eu acho que é um senso da História e de uma responsabilidade pública, não é? Ele é um homem bastante... que tem essa responsabilidade pública. Agora, a ideia era que vai ter que ter um lugar. E como que vai ser esse lugar no Brasil? Então, temos um modelo que é o Maranhão; temos outro que é o Memorial, quer dizer, que foram constituídos de maneiras diversas, sempre com dinheiro do governo, e nós não queríamos isso. Nós queríamos ser mais livres, e não haveria... Porque aí começou. Isso é primeiro mandato. Aí, Fernando Henrique disse... Bom, tudo era manter a moeda, não é? Um negócio... Nada de gastar dinheiro. Quando eu fui ver o Jaime<sup>30</sup> – eu fui no Arquivo Nacional –, a primeira coisa que ele me mostrou foi o projeto do Niemeyer para construir o Arquivo Nacional em Brasília, ao lado da catedral. Parece que agora fizeram um museu e uma biblioteca. Você sabe que construíram a biblioteca!?

L.H. – Não. Lá?

D.A. – Forrada a carpete, como é tudo que Niemeyer faz. É forrada. Muros. Você já pensou, uma biblioteca forrada de carpete!? [falando baixo] Eu falo baixo porque não pode... Vale a pena seguir essas coisas, sabe? O Arquivo Nacional devia seguir essas coisas. Mas, enfim, porque havia essa intenção de que, bom, ao chegar um novo, vamos realizar um projeto. Eu disse: “Pode esquecer, Jaime, porque o negócio é não gastar.” Então...

L.H. – Na verdade, ele queria te conquistar para aquele projeto.

D.A. – Sim, sim. Ele me conquistou, de qualquer maneira, mas... [risos]

L.H. – É, ele conquista mesmo.

D.A. – Mas eu disse: “Não. Esqueça. Não vai ser feito agora.” Porque, imagina, um cara que diz que vai estabilizar a moeda, economizar, não sei o que e tudo e, de repente, começa a criar novas coisas e diz que vai depositar a memória dele lá. Não, não é o estilo. Realmente não é o estilo. Bom, então era a ideia disso: que tipo de coisa fazer que seja possível fazer sem dinheiro público? Porque nós não vamos ter dinheiro público. Aí, por isso que o... Eu estou respondendo à sua pergunta?

L.H. – Sim.

D.A. – Eu não me lembro mais qual...

L.H. – Sim.

D.A. – Porque fazer uma coisa do estilo do Mário Soares... É o mesmo estilo de personagem. Não é que eles se pareçam pessoalmente, mas é um personagem muito ativo... Você vê, 75 anos, muito ativo, muito falante e tal, com a esposa que também tem sua vida, que também é ativa na política. É muito... sabe, esses casais de classe média mais antigos, ilustrados. Sendo que o Mário Soares guardou muito mais papéis do que Fernando Henrique, porque ele guardou justamente a história não oficial. Como grande parte da vida dele foi a ditadura, então, a história dele, o que ele guardou, das lutas, do partido etc. e tal, é a história não oficial. Então, por isso

---

<sup>30</sup> Jaime Antunes da Silva, Diretor Geral do Arquivo Nacional.

que se tornou um acervo muito importante. Porque era assim... Eu gostei. Eu achei tudo bem pensado, *staff* pequeno, uma coisa bem organizada, bem pensada, com coisas mínimas, sabe? Pouca gente; se concentrar sobre o arquivo, porque isso que vai ser importante, etc; um negócio de bom gosto, mas sóbrio. Não é luxo, mas é uma coisa legal, para você trabalhar bem e tal. Então... E eles, no caso, o que eu gostei é que eles fizeram... Porque eles primeiro pegaram um predinho antigo, público, da Prefeitura, da Assembleia. Eu acho que é da Assembleia... Não sei se é da Legislativa. E eles fizeram um comodato. E também, prever. Isso eu sempre falei com o Fernando Henrique. Eu digo: “Olha, vamos prever uma instituição. Porque tem que calcular a sua idade, quer dizer...” A gente sabe que também, como para Mário Soares, é um lugar onde ele tem o seu escritório. Porque ele vai ficar ativo, então, vai ter que ter uma estrutura. E também não é uma pessoa quieta, que quer ficar sozinha. Então, vai ser um centro de debates. É uma pessoa agitada intelectualmente.

L.H. – A Fundação Mário Soares também tem essa vocação?

D.A. – Tem essa vocação.

L.H. – De ser também um espaço...

D.A. – Também um lugar de debate. E eles têm mais uma vocação, por conta da descolonização deles, dessa coisa lusófona de... Por exemplo, eles têm muitos documentos do Timor. Eles guardaram muita... Eles fizeram vir muita coisa de Timor, para não destruir.

L.H. – E está na Fundação Mário Soares?

D.A. – É. E eles agora criaram... Aí eles fizeram uma enorme exposição, que depois mandaram para Timor. É uma coisa muito interessante que eles têm feito. Porque lá é uma coisa muito pouco estável, o Timor, não é? O tempo todo, ainda. Eles estão sendo ameaçados constantemente. Quer dizer, eles têm várias coisas. No caso do Mário Soares, ele está agregando muitos outros arquivos que não são de políticos e não são da sua época. Ou porque são intelectuais ou porque são pessoas que acharam que está bonito lá e que é bom deixar. Então, eles estão um pouco diversificando, do ponto de vista de arquivos. Mas eu achei que... Sabe quando você faz uma instituição que você sabe que você pode dominar? A minha experiência do Cebrap me demonstrou muita coisa, e eu, também, lá em Salvador, eu administrei aquele pequeno hospital durante um ano. Então, eu tinha algumas experiências que mostram que você administra bem quando você domina a situação – do que tem, do que vai ser, do que vai fazer –, você tem o design da instituição. Aí eu disse: “Vamos...” Ele disse: “Vamos fazer. Vamos angariar um fundo. Com as rendas desse fundo, como se fosse um *endowment*<sup>31</sup>, nós mantemos uma pequena estrutura etc. e tal. E faremos... A partir desse arquivo, poderemos fazer projetos, com a Lei Rouanet, com alguma coisa desse tipo.” Então, dá para manter uma equipe pequena e fazer uma coisa legal. Porque nós não somos o Cpdoc. Quer dizer, nós não nos fundamos como centro de pesquisa. Porque aí teve umas pessoas aqui, do Conselho, que começaram a dizer: “Porque o Cpdoc faz isso... O Cpdoc publicou... O Cpdoc...” Eu digo: “Espera aí! O Cpdoc tem quantos anos?” E depois, o Cpdoc é um Cebrap, centrado sobre isso. É um grupo...

L.H. – É um Cebrap com documentação, não é?

D.A. – Exatamente.

---

<sup>31</sup> Tradução livre: doação.

L.H. – Com uma atividade de documentação...

D.A. – É isso.

L.H. – ...conjugada à pesquisa, não é?

D.A. – É. A pesquisa é sobre isso, não é? Então, voltando à ideia da criação, nós fizemos isso, conversamos...

L.H. – Quem mais participou dessas conversas, Danielle?

D.A. – Olha, eu sempre conversei com ele sozinho ou com a Ruth. Ele conversou, certamente, com o Jovelino, que é um amigo da família, que é um amigo, na realidade, da idade do filho, e que é um empresário, que é muito relacionado e aquela coisa toda; ele deve ter conversado... Ele gosta de conversar muito com o Celso também...

L.H. – O Celso Lafer?

D.A. – ...com o Boris. Mais pessoas próximas, basicamente. Não é uma coisa... Primeiro porque é uma coisa pessoal, então, não poderia ficar falando com todo mundo sobre isso na época.

L.H. – Isso foi ainda no primeiro mandato...

D.A. – É.

L.H. – ...que isso começou a ser pensado?

D.A. – Eu estou falando de 96.

L.H. – Noventa e seis.

D.A. – E quando eu estava falando do Mário Soares, o que eu quis dizer do prédio é que ele fez um comodato de 25 anos, contra manutenção do prédio. Então, ele não paga nada pelo prédio. Ele não comprou o prédio.

L.H. – Sim.

D.A. – Depois eles conseguiram mais um dinheiro e aí fizeram um segundo pequeno prédio, muito mais técnico, se quiser, do que o primeiro. Então, eles têm dois predinhos, ou seja, têm um auditório também... Eles devem ter um pouquinho mais, mas é mais ou menos isso tudo com os subsolos. É mais ou menos do mesmo tamanho. Só que eles abrem para a rua, então, é mais... Eles têm muito mais coisas públicas do que podemos ter aqui. Teve um momento que eu quis fazer isso, e eu queria desde o início e Fernando Henrique achava bom, ter um comodato de um prédio público. Primeiro... Porque nós começamos a angariar o fundo mais tarde, foi já mais para o último ano e tal, mas sempre achamos uma pena ter que colocar dinheiro na compra, não é? Porque isso imobiliza...

L.H. – Na compra do imóvel?

D.A. – Do imóvel, não é? Isso imobiliza um dinheiro. E não foi possível. Olha... Primeiro... A melhor proposta que tivemos foi do Rio. O Rio queria ter...

L.H. – Está vendo!

D.A. – O Rio queria ter o Instituto lá.

L.H. – Já que não ia para o Cpdoc, que ficasse no Rio de Janeiro!

D.A. – E isso seduzia muito o Fernando Henrique, que tem o seu lado do mar que sempre volta.

L.H. – Carioca.

D.A. – A Ruth não era muito favorável, embora hoje esteja com dois filhos lá e outra em Brasília. Então, o Rio seria melhor. Mas evidentemente que ele sempre foi um político de São Paulo...

L.H. – Sem dúvida.

D.A. – ...então, tinha que ser aqui. E aqui não houve jeito.

L.H. – De conseguir um prédio para comodato.

D.A. – Curioso, não?

L.H. – É.

D.A. – Numa época de governos de PSDB.

L.H. – Sim.

D.A. – Aí, bom, primeiro propuseram um sobrado pequeno, e eu disse que não, que...

L.H. – Que não dava.

D.A. – ...que não dava. Inclusive, não tinha segurança, não é? Não dava. Porque tem uma questão de segurança também, não é? Em São Paulo, são coisas a considerar. No Rio também, não é?

L.H. – Sim.

D.A. – Da mesma forma que vocês estão em um prédio grande e tal...

L.H. – Com segurança.

D.A. – ...com segurança, não é? E depois rolou uma ideia de um prédio que é da Segurança Pública, na Avenida Higienópolis, que iria ser desativado, que é um antigo casarão, daqueles casarões paulistas grandes. Um pouco grande demais, a meu ver. É o tipo de coisa que demanda muito dinheiro para manutenção. Mas aí precisaria de uma lei da Assembleia. Isso ia ser uma coisa muito demorada, um bafafá político, aquela coisa. Então, quando vimos que era tão

complicado conseguir uma coisa dessas... Porque o que teve também... Então, foi decidido partir para outra solução. Mas isso, já mais para o fim do governo. Naquela primeira época, tentamos, pensamos, e sabíamos que faríamos no último ano, que seria, normalmente, em 97, não é?

L.H. – Em 99.

D.A. – Não, em 98. Noventa e nove foi o começo do outro.

L.H. – É, em 98. Isso.

D.A. – Em 98. E pensamos já, em termos gerais, que seria o modelo Mário Soares, uma coisa não muito grande...

L.H. – E feita com recursos privados.

D.A. – ...com recursos privados, com um fundo, que tentaríamos a Lei Rouanet, evidentemente, para poder manter a equipe de arquivistas... e o que mais? E isso, teria um perfil... Como sempre teve. O Cebrap também nunca foi luxuoso, nunca foi nada, mas... E aqui... Bom, então, essa era a decisão. Isso, desde o início do primeiro mandato. Daí, o que foi que eu fiz? Aí eu comecei a... Eu ficava fazendo as transcrições aqui e ia de vez em quando a Brasília para ver, no Departamento de Documentação Histórica, como iam as coisas.

L.H. – E ainda uma secretaria? Ou já era um departamento?

D.A. – Já era um departamento. Já tinha sido rebaixada. Não, não. Ainda ficou uma secretaria, com menos gente e menos cargos. E quando eu cheguei, me disseram que eu ia ter uma secretaria e eu fiquei com um departamento. Quer dizer, aí foi reduzida de escala e de número de cargos também. No fim, eu tinha mais ou menos 50 pessoas. Entre 46 e 50 pessoas. E hoje eles estão com 54, por aí.

L.H. – E isso, você foi para lá para assumir quando?

D.A. – Em 99.

L.H. – Ah, sim.

D.A. – No início de 99.

L.H. – No segundo mandato.

D.A. – No segundo mandato.

L.H. – Então, esses primeiros quatro anos, você não estava lá, diretamente cuidando da documentação.

D.A. – Não. Fora aquele momento do Ministério da Previdência... Depois eu fico aqui. Eu vou lá de vez em quando...

L.H. – E tinha uma rotina lá, já implantada, Danielle?

D.A. – Ah, já. Porque o Cláudio, que foi meu adjunto e que era ajunto já, estava lá desde Sarney.

L.H. – Ah, está certo.

D.A. – Então, ele estava lá desde a criação dessa secretaria.

L.H. – Sim.

D.A. – Então, ele é um historiador, quer dizer, fez História, fez Arquivística, aquela coisa, só que ele conta com uma equipe muito difícil, como é o serviço público, não é? Porque você tem arquivistas, tem bibliotecários, mas é tudo muito fraco, muito precário. Então, ele se bate o tempo... Ele agora assumiu... Agora não. Com o Lula, ele assumiu o meu cargo. Então, tudo é difícil: o sistema nunca funciona bem, porque a informática da Presidência não funciona... É muito difícil. E eu cheguei lá... Aí, quando eu cheguei, eu sabia exatamente o que eu ia ter que fazer, porque eu já estava vendo as lacunas, particularmente na correspondência. Porque você faz toda a correspondência de cidadãos comuns. Isso hoje aumentou...

L.H. – É uma parte interessante.

D.A. – ...aumentou enormemente, com o Lula, não é? E nas minhas andanças, eu já tinha visto o que se fazia com tudo. Quer dizer... Porque é o seguinte, no primeiro mandato, logo no início, no primeiro mês de um mandato, você tem muita correspondência, porque tem muitos votos de felicidade, de feliz ano-novo, de sucesso etc.

L.H. – De congratulações, não é?

D.A. – Então, a correspondência é enorme. Quando eles viram isso, o chefe-de-gabinete da época achou e sugeriu a Fernando Henrique que ele depositasse tudo imediatamente, fosse depositando no IEB<sup>32</sup>, na USP. E fizeram um cálculo [inaudível] documento enorme. Então, quando eu fui chamada, em setembro...

L.H. – Eu não entendi direito essa parte. Explica de novo. Eu não entendi.

D.A. – No início, quando eles viram que tinha uma quantidade enorme de documentos, se apavoraram, e o chefe-de-gabinete sugeriu ao Fernando Henrique que todos os documentos do gabinete fossem imediatamente, ou no fim do ano, transferidos para um local, onde eles seriam acolhidos, e alguém sugeriu – eu não sei de onde surgiu isso – foi o IEB.

L.H. – Da USP.

D.A. – Da USP. Só que... Aí, alguém foi lá no IEB. Aí, o IEB se apavorou com a quantidade de documentos e imediatamente desenvolveu um projeto de prédio. Então, o Fernando Henrique se apavorou e disse: “Não vou construir prédio nenhum agora. É só o que me falta, dizerem que eu estou construindo pirâmide, não é? E nem é o caso, não é?” Então, quando eu cheguei, em setembro, eu disse: “Vocês estão malucos!? Vocês vão depositar documentos pessoais num lugar que é do estado a troco de quê? Por quê? Como?” Então, foi aí que eu fui fazer a pesquisa. Fui ao IEB... Eu tive que ir lá. Eu tive o ingrato encargo de dizer àquela senhora muito

---

<sup>32</sup> Instituto de Estudos Brasileiros.

simpática, a diretora de então... Eu não me lembro do nome dela. Não era Bertinotti, mas é um nome assim. E eu tive de dizer: “Olha, não é bem assim. Eu acho que foi precipitado, mas, enfim, eventualmente, futuramente...” Há uma idéia atrás da cabeça de Fernando Henrique de que essa instituição, após... se ele morrer, possa ficar sob a tutela do seu conselho, mas agregada de alguma forma à USP. Ele acha que isso seria um destino correto de uma instituição com um belo acervo e tal.

L.H. – Sem dúvida.

D.A. – Então, isso será uma coisa que ainda nós temos que formular. Isso ainda não está formulado. Mas de vez em quando eu converso com ele um pouco sobre isso, para ver como que... Por enquanto, o acervo é dele, é um acervo pessoal, de propriedade do presidente, depositado no Instituto.

L.H. – Sim. O Instituto, Danielle, vive com que recursos?

D.A. – Então. Ele montou um fundo...

L.H. – De doações de...

D.A. – ...de doações particulares.

L.H. – ...de amigos e colaboradores.

D.A. – Não, não são colaboradores. São pessoas que se dispuseram a financiar mais um pouco o presidente, quer dizer, com o seu prestígio, e que são empresários ou, enfim, gente que tem dinheiro. Não são muitos. E eles aceitaram fazer isso – esse fundo está aplicado por pessoas que sabem aplicar essas coisas – e nós vivemos com as rendas desse fundo, como se fossem um *endowment*. Nós fizemos um projeto... Antes de sair, então, no final da presidência, eu fui consultar o Weffort<sup>33</sup> sobre a Lei Rouanet<sup>34</sup> e ele me disse que tinha tido uma modificação e que você podia formular...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

L.H. – Então, a gente estava falando... Nós começamos vários assuntos, não é?

D.A. – Veja se você agora...

L.H. – Eu tenho algumas perguntas para te fazer, nesse sentido do... Esse projeto então é um projeto dele próprio, do próprio presidente, no qual você participou muito, e outras pessoas com quem ele foi conversando, para ter esse desenho institucional. Ele ontem comentou comigo que ele tinha vontade que arquivos de colaboradores dele, ministros... enfim, colaboradores do período da presidência sobretudo, viessem para cá. No entanto, ao mesmo tempo, tem uma preocupação com o destino posterior desse arquivo dele próprio.

D.A. – Pois é. A idéia, veja bem, quando eu te falei de um instituto, sob tutela do seu conselho, ser agregado de alguma forma à USP, isso não impede que ele continue, o Instituto, a ter a sua

---

<sup>33</sup> A entrevistada se refere a Francisco Correa Weffort, ministro da cultura no governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002).

<sup>34</sup> Lei de Incentivo à Cultura, institucionalizada em 1991.

política.

L.H. – Sim.

D.A. – Entre outras, a sua política de inserção de acervos.

L.H. – Certo.

D.A. – Se essa... O que seria interessante... Desde o início também, pensamos que não seria exclusivamente de Fernando Henrique Cardoso. Mas já que era de ex-presidente, que era interessante que fosse do seu governo. Então, se a gente pudesse inserir, chamar, agregar arquivos de pessoas que tinha participado de uma maneira importante no governo, evidentemente que isso formaria um todo muito mais interessante para a pesquisa.

L.H. – Sem dúvida.

D.A. – Agora, como vários colaboradores importantes não são de São Paulo, pode ser que isso não aconteça. E, depois de tudo que eu já pesquisei sobre arquivos privados, eu sei que as pessoas ficam muito... Quem lidou, por exemplo, num governo de oito anos, como o Malan ou como o Serra ou como outros que tiveram funções...

L.H. – O Paulo Renato, por exemplo, que esteve oito anos.

D.A. – ...ou o Paulo Renato, que tiveram... Nem todo mundo está querendo se desfazer. Durante muito tempo, as pessoas que têm uma participação intensa, querem ficar com os seus papéis.

L.H. – Sem dúvida.

D.A. – Então, essa inserção, é muito possível que ela não se realize porque eles vão formar as suas coisas ou sei lá o que ou porque... ou vai demorar. Ou não vai se fazer ou vai demorar, por conta desse apego, não é?

L.H. – É, porque são pessoas que estão ativas ainda.

D.A. – Exatamente. E na política também.

L.H. – Isso.

D.A. – Então, de repente... Quem sabe, não é? Eu nunca imaginei que... Eu sempre imaginei Fernando Henrique primeiro-ministro, caso houvesse parlamentarismo. Isso, sempre eu imaginei. Mas presidente, eu nunca tinha imaginado.

L.H. – Por oito anos, não é? Dois mandatos. Certo. Então, na verdade, isso é possível, um projeto de trazer acervos de...

D.A. – De um ponto de vista...

L.H. – É um pouco no formato da biblioteca norte - americana.

D.A. – Sim, exatamente, nesse aspecto, ou de sociólogos que tenham participado... Na



realidade, o Cebrap tem seu próprio arquivo. Eu não sei se ele está cuidando muito bem. Porque há uma história importante aqui, não é?

L.H. – Sem dúvida.

D.A. – Do ponto de vista da Sociologia, o acervo de Fernando Henrique é muito importante, porque você tem muita coisa da Sociologia paulista, particularmente da escola Florestan, quer dizer, desse grupo, e da Sociologia latino-americana, com as andanças dele e a repercussão da obra dele e tal. Então, isso é muito interessante, não é?

L.H. – É um pouco o acervo do Darcy Ribeiro também.

D.A. – Exatamente.

L.H. – Ele também foi para fora, foi para Chile, foi para México, criou universidades em outros lugares. Então, tem muito essa influência.

D.A. – Tem. Então, imagina, isso é superimportante, não é? Por isso que eu acho que é um... Eu não vejo porque, por exemplo, agregar, de repente, o acervo de um escritor qualquer, quer dizer, mesmo importante. Tudo bem. Já nos propuseram aqui... E agora eu não quero receber nada, enquanto este não estiver já encaminhado para a abertura, não é? Porque a gente não tem condições.

L.H. – O Arquivo Fernando Henrique?

D.A. – Para ficar em caixas, realmente... Porque tudo isso é muito caro, a climatização, a manutenção, a instalação, o material especial...

L.H. – Então, te propuseram coisas que não...

D.A. – Eu não me lembro. De um dos governadores de São Paulo, acervo privado. E que, por exemplo, seria como vocês fazem, de políticos do Rio de Janeiro ou outros, não é?

L.H. – A gente recebeu o Montoro<sup>35</sup> há pouco tempo...

D.A. – Ah, é!? Foi? Não diga! Legal!

L.H. – ...que é, vamos dizer, um arquivo que também tem muito a ver com a trajetória...

D.A. – Muito.

L.H. – Nós recebemos 26 caixas do Arquivo Montoro.

D.A. – Ah, é?

L.H. – Porque o filho, me parece...

D.A. – Ah, é?

---

<sup>35</sup> André Franco Montoro – Foi governador de São Paulo entre 1983-1987.

L.H. – ...aquelas situações clássicas: precisava se desfazer de um escritório ou algo do gênero, fez um contato com o Cpdoc – também não sei através de quem, se houve alguma mediação – e nós recebemos.

D.A. – Ah! Não diga!

L.H. – E é um arquivo que está para... Vamos começar...

D.A. – Ah, é bem interessante.

L.H. – Vamos começar a trabalhar nesse ano de 2007. Mas, enfim, foi uma sugestão de um político paulista...

D.A. – Paulista.

L.H. – ...no caso do Instituto.

D.A. – Eu digo: “Olha, no momento é muito difícil decidir isso, porque a gente já nem... Estamos conhecendo tudo.” Eu, que conheço melhor, eu conheço bem o pré-presidencial. O presidencial, eu conheço menos, porque eu estava ocupada em outras coisas. Então, eu sei das pessoas, eu conheço, sei das relações entre as coisas. Mas então, estamos nessa parte, nesse momento de conhecimento do arquivo. Aí, não nos pareceu próprio. Mas isso, no momento. Eu acho que é muito cedo, não é? Vocês, na realidade, se você pegar a história do Cpdoc, eu não conheço bem, não, mas durante muito tempo vocês não tiveram tantos arquivos assim, não é?

L.H. – É. O Cpdoc foi fundado com o arquivo do Getúlio...

D.A. – Com o do Getúlio, não é?

L.H. – ...pela neta dele, pela Celina. E o que ela conseguiu fazer à época... Inclusive, tinha... Era uma época... Em 73, o Cpdoc foi criado. Era um momento em que você tinha muito poucas alternativas de lugares também. E ela, sendo neta de Getúlio – e a mãe, a Alzira, que foi a grande artífice daquele arquivo, a filha do Getúlio, ela estava viva ainda –, conseguiu-se então arquivos de colaboradores: o Gustavo Capanema, tem um enorme arquivo, que foi ministro da Educação...

D.A. – Agora você vê, Getúlio, morto em 54.

L.H. – Isso.

D.A. – Então, morto, primeiro. Um, já morto; dois, guardado durante 20 anos por parentes.

L.H. – Isso.

D.A. – Então, veja que condições diferentes, não é?

L.H. – É diferente, muito diferente.

D.A. – E as pessoas contentes de... Aí, podia juntar os colaboradores. Isso eu acho que seria

possível daqui a 20 anos.

L.H. – Sem dúvida. É outro tempo de criação da instituição.

D.A. – É.

L.H. – E, na verdade, o Cpdoc foi criado... O Cpdoc não tinha essa vocação de ser um centro de debates de temas políticos contemporâneos.

D.A. – Não.

L.H. – Como você disse, é um centro acadêmico, não é?

D.A. – É, é isso mesmo.

L.H. – Então, é diferente. O perfil é diferente, não é? São coisas diferentes. Então, foi assim. Então, hoje em dia, nós temos mais de 200 arquivos, fundos, de tamanhos muito variados – coisas pequenas e coisas enormes – e estamos chegando num ponto de falta de espaço. Então, nós também já não recebemos muita coisa que nos é oferecida porque não dá, por questões de espaço.

D.A. – E nem vocês têm muita gente.

L.H. – Não. Nem muitos recursos. Também a gente tem que fazer projetos e estar sempre buscando... Então, nós recebemos, por exemplo, o arquivo do Betinho, que sai, vamos dizer, da nossa linha tradicional, de homens públicos que ocuparam cargos e tal, não é?

D.A. – Mas vocês guardam ele fisicamente?

L.H. – Sim.

D.A. – Ou só organizaram?

L.H. – Não, guardamos. O do Betinho, sim, foi doado para a gente e guardamos. E aí nós conseguimos, porque era próximo do aniversário dele, conseguimos um financiamento para organizar, para fazer o livro... Enfim, vamos nos ajeitando.

D.A. – Sei.

L.H. – Mas é difícil, não é? E tem a questão do espaço e do preço que custa conservar.

D.A. – É, porque, aquilo que eu estava te falando, quer dizer, nós fizemos um projeto de cinco anos para a Lei Rouanet. Só que a gente só pode usar o dinheiro quando já tivermos 20% ou 25% do total dos cinco anos.

L.H. – Arrecadado.

D.A. – Então, é uma loucura! Porque você calcula para cinco anos, eu pensava que você poderia gastar, digamos, 25% de uma quantia... Se você ganhou 100 mil, divide por cinco, pode gastar 25% de... Digamos assim, não é?

L.H. – Certo.

D.A. – Mas não. Então, por exemplo, estamos tentando arrecadar já há dois anos e este ano agora, agora, parece que temos 20% da quantia, então, podemos começar a gastar. Ou seja, começar a nos ressarcir de tudo. Porque o projeto visava a instalação, a mobília etc. Tudo, não é?

L.H. – Sim, tudo que já foi...

D.A. – Tudo que já foi feito, não é?

L.H. – Na verdade, já foi gasto. Está sendo gasto, não é?

D.A. – Está sendo gasto. E está sendo gasto do fundo. E se a gente gastar o fundo, daqui a pouco nós não existimos mais, não é? Então, isso... Bom, a gente sabe que sempre vai ser difícil e tal.

L.H. – Vocês têm quantas...? São quantas pessoas aqui, Danielle?

D.A. – Então. A decisão também, justamente para não ter cargas salariais... Mas agora eu vou... Vai mudar um pouco. Então, desde o início... Em 96, eu conheci... eu fui num congresso lá no Rio, de arquivos, quando estava a minha descoberta do mundo de arquivistas... Eu não me lembro quem eu conheci logo. Eu fui com o Cláudio, que conhecia já esse pessoal, já tinha conhecido o Jaime, a Priscila, então... Aí eu conheci a Ana Maria Camargo...

L.H. – Sim.

D.A. – ...a quem eu falei, eu disse que havia esse projeto e tal. Porque tínhamos que organizar também... Eu esqueci, mas, a partir de 96, coordenei também a organização do pré-presidencial, do que eu já tinha arrumado, organizado à minha maneira. Então, aí a Ana Maria me apresentou a Grifo, na pessoa da Silvana, que tem essa firma, e nós nos demos muito bem com a Silvana. Então, a Grifo já organizou. E nesse caso, foi um dos amigos do... Foi o próprio Jovelino<sup>36</sup> que financiou isso diretamente. Foi uma coisa barata, porque foi uma equipe bem pequenininha. Ficamos trabalhando no apartamento que eles tinham aqui na Avenida Higienópolis, onde eles tinham deixado todos os livros e tal, enfim, que era um apartamento da família. Trabalhamos lá entre 97 e 98, organizando o pré-presidencial e já pensando em todos os critérios, os princípios de organização etc. Porque aí eu já tinha informação sobre o que se fazia na Presidência, então a gente discutiu muito isso e tal. Agora, portanto, quando terminou essa fase, eu disse à Silvana: “Bom, quando terminar o mandato, eu vou para Brasília. Quando terminar, vamos novamente... continuaremos.” E foi o que aconteceu. Então, em 2003, nós não tínhamos... isso foi comprado e se fez a reforma.

L.H. – Esse andar.

D.A. – É. E nós alugamos um escritório e ficamos em duas salas... em três salas alugadas. E todo o acervo ficou em mais ou menos mil caixas de mudança, nos depósitos da firma de... da Granero, um ano. Porque, aí ficou junto tanto... Aqui no subsolo, numa parte sadia do subsolo,

---

<sup>36</sup> Possivelmente a entrevistada está se referindo ao empresário Jovelino Mineiro.

antes da reforma, eu alojei todos os livros do apartamento de Higienópolis. Eu fiz muita mudança nesses anos todos. Foi muita mudança.

L.H. – Eu imagino.

D.A. – É horrível.

L.H. – É. É uma coisa chata e cansativa.

D.A. – Mudança do meu apartamento, comprar outro... Ah, muita coisa. E isso, a Silvana começou aqui de fato quando a reforma ficou pronta, no início de... agora, em 2004. Então, mudamos em fevereiro. E a instalação foi, para começar, mil caixas. Foi muita coisa. Muita coisa, muito livro... Foi muita coisa.

L.H. – Você, no segundo mandato, você foi para Brasília.

D.A. – Fui, de 99 até o fim.

L.H. – Até o fim. E aí você, com essa equipe um pouco mais reduzida, no Departamento, você coordenou a organização da correspondência. Enfim, você...

D.A. – Isso. Aí eu tinha essa equipe da Presidência, não é?

L.H. – Sim.

D.A. – Não mais a Grifo. A Grifo já tinha terminado a organização do período...

L.H. – Do pré-presidencial.

D.A. – ...do pré-presidencial.

L.H. – Essa parte ficou nesse apartamento.

D.A. – É, ficou aqui nesse apartamento, bem guardadinho, tudo arrumado e tal, já com organização, uma organização diferente. Na Presidência, tudo foi organizado individualmente: cada carta, cada papel, cada coisa. Lá, o pré-presidencial, como eu queria ir depressa e como estava já organizando de certa maneira – fora a autoria, que foi bem organizada um por um, por manuscrito etc. –, lá foi... Então, tem a reunião de algumas coisas. Porque eu acho que... Uns dossiês, se quiser, que depois... E vamos ver quando vamos passar esse banco de dados para o atual. Vamos ver o que vamos fazer. Agora, portanto, você disse quantas pessoas. A equipe da Grifo é pequena. Bom, Silvana é coordenadora e vem aqui duas vezes por semana; a Ana Maria é consultora, vem aqui uma vez por semana, uma tarde, e a Ana Maria fez toda essa consultoria na base da... em relação aos princípios de organização, e agora acabamos o nosso manual, esse que queremos discutir no seminário, daqui a uns dois ou três meses.

L.H. – Hum, que interessante.

D.A. – É.

L.H. – Isso é uma coisa boa, nessa área que a gente tem tão poucos insumos para discutir.

D.A. – É. Justamente vamos... Depois eu vou te falar do seminário rapidamente. Bom, então, tem essas duas e tem, trabalhando todos os dias aqui, são três arquivistas, uma bibliotecária e três estagiários: dois estagiários no acervo e um estagiário na biblioteca. Então, lá são cinco, quer dizer, fora as duas cabeças... Todo mundo tem cabeça, mas, enfim, são duas chefas.

L.H. – Coordenadoras, digamos.

D.A. – Coordenadoras. E aqui, duas. Minha intenção para o futuro próximo é de ter uma parte... Eu gostaria muito de conservar pessoas que estão sendo formadas aqui e que gostam de trabalhar aqui, que eu acho que se identificaram com o tipo de acervo. E minha intenção é formar uma equipe assim, de dois seniors e dois juniors. Ter dois seniors... Eu digo senior assim, com um pouquinho mais de experiência e recém-formadosque vão, então, se formar. Ou, dois seniors e um junior lá no acervo, eu acho que fixos, e aqui, um junior fixo. E aí, o resto, completar... continuar completando com Silvana, com a Grifo, durante um certo tempo, até o momento que essa pequena equipe der conta, e aí faremos... A partir daí, a minha intenção é ter projetos específicos, então, esse ano a gente vê tal aspecto do governo ou tal pedaço do arquivo, entendeu? Assim. Em relação à digitalização, nós temos uma... Bom, então, essa é a equipe da organização, preservação e manutenção. Quanto à digitalização, nós temos um contrato que foi uma doação da Sun Microsystems, que falaram que queriam digitalizar tudo. Nós fornecemos todas as quantidades, e eu sempre disse que, quanto ao papel, não havia pressa, que eu queria, essencialmente, o áudio-visual e o iconográfico, fotografia, negativo e tal. Bom, depois de um ano desse contrato assinado, começamos agora com 30% de fitas Betacam. Vamos ver o que vai ser feito. A minha idéia era que realmente esse contrato valesse para... Vamos ver se ele ficará valendo – doação é sempre muito complicado nesse país, não é? – pelo menos para essa parte do sonoro. Também muita fita cassete.

L.H. – É, eu vi ontem.

D.A. – É. E muita fita cassete do... Por exemplo, *Voz do Brasil*. Você pode me dizer: “Bom, mas isso está na Radiobrás!” Não, não é? Você não vai me dizer isso. [risos]

L.H. – Não, eu não vou te dizer isso.

D.A. – Está bem. Então, é por isso que... É um elemento essencial de um governo, não é? Então, isso, eu espero poder fazer isso neste contrato de doação. Se não, se não for possível, veremos. Porque depois eu queria, quanto ao textual, a não ser por documentos que são fáceis de reconhecimento e de análise, mas para a correspondência e tudo isso, eu queria que cada pesquisador tivesse seu *scanner* e fizesse. Eu tenho um pouco de dúvida sobre digitalizar tudo. Eu tenho muita dúvida sobre isso. Acho que a gente está num mar de informações eletrônicas pouco utilizadas na realidade, não é?

L.H. – É, depende também dos objetivos que vocês tenham.

D.A. – Não, é abrir sobre Internet, sem dúvida.

L.H. – É, não é? Esse que é o horizonte, não é?

D.A. – Têm que ser público, essas coisas.

L.H. – Isso pode ser interessante, não é, Danielle?

D.A. – Ah, sim.

L.H. – Digitalizar. Porque isso...

D.A. – Eu acho que correspondência e esse tipo de... Mas tem... Eu não sei, porque você digitalizar todos os livros, sabe...

L.H. – Ah, não. Os livros eu também não sei. Mas os documentos...

D.A. – Eu tenho muita dúvida.

L.H. – Porque quando você der acesso, isso...

D.A. – Ah, sim.

L.H. – Primeiro, isso é exponencial, o acesso a... Segundo, isso também te reduz custos aqui...

D.A. – Lógico.

L.H. – ...em termos de consulta.

D.A. – Lógico. É, porque isso eu não posso ter muito.

L.H. – É, também.

D.A. – Vocês têm muita consulta ao vivo?

L.H. – Nós ainda temos, porque nós temos... Você pode fazer uma consulta pela Internet de todo o acervo, mas você chega...

D.A. – Ah, é? É todo digitalizado?

L.H. – Não. Você chega aos dossiês.

D.A. – Aos relatórios.

L.H. – Aos dossiês.

D.A. – Sim.

L.H. – Só o arquivo do Getúlio está todo digitalizado.

D.A. – Ah, é?

L.H. – Porque nós conseguimos, também, uma parceria para fazer.

D.A. – É.

L.H. – Mas nós temos também uma quantidade...

D.A. – Sim. Mas o Getúlio representa muita coisa?

L.H. – Do acervo todo?

D.A. – É.

L.H. – Não, muito pouco.

D.A. – Não, não é? É pouca coisa, não é?

L.H. – Muito pouco. É um arquivo grande, tem talvez...

D.A. – Porque aqui tem muita coisa, como você viu, de textual. E tem a correspondência de cidadãos comuns. E isso... Bom, pelas minhas informações com madame Bazin *et tout ça* e também nos Estados Unidos, essa correspondência sofre não descarte, mas... Enfim, eu guardo aqui um *x* por cento grande, uns dez por cento. Em geral, eles guardam dois por cento.

L.H. – Certo. Uma amostragem.

D.A. – Porque é uma correspondência repetitiva, parecida, embora cada carta seja uma carta. E o resto, eu fiz um depósito no Arquivo Nacional.

L.H. – Dessa documentação?

D.A. – Hum, hum. Então, guardamos um *x* e o resto eu mandei para o Arquivo Nacional. Se eles...

[FINAL DO ARQUIVO pho\_1518\_danielle\_ardaillon\_2007-01-12\_02]

L.H. – Vamos retomar então. Tem uma questão, nessas instituições desse gênero, assim, muito ligadas a um personagem, que é a questão, e você já me adiantou um pouco, a alternativa de transferir futuramente, talvez, o Instituto para a USP. No caso de Fernando Henrique, ele não tem um herdeiro, vamos dizer. Ou eu me engano? Como é que é isso?

D.A. – Não, você não se engana. Essa geração... É interessante porque se notou isso no Cebrap. Porque a geração que ocupa o Cebrap hoje não é a segunda geração deles, quer dizer, essa geração que está com 75 ou 80, essa geração que foi aposentada naquela hora. Fora talvez o Chico de Oliveira, que é um pouco mais moço, digamos, 70. Eu estou com 70. Bom, então, a geração seguinte teria hoje uns 50 ou 55, por aí. E não há. São mais moços. Na realidade, o Cebrap... É interessante, porque cada um trabalhou muito individualmente. A Elza Berquó<sup>37</sup> talvez tenha umas sucessoras lá, com quem ela trabalhou, pelo tipo de pesquisa que ela faz, que demanda mais gente. Mas esse tipo de pesquisa de Fernando Henrique, fora a pesquisa sobre os empresários, do começo... A do doutorado teve um pouco de assistência, mas você tem um assistente e mais nada, não é? Quer dizer, sucessor mesmo – nem na política, não é? –, não teve isso. Mesmo o Eduardo Graeff<sup>38</sup>, que é uma pessoa que sempre escreveu com ele e tal, é uma

<sup>37</sup> Membro Fundador e Coordenadora da Área de População e Sociedade do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap).

<sup>38</sup> Cientista político, foi secretário-geral da Presidência da República (Governo FHC).



pessoa independente, não é considerado sucessor. Nem na Sociologia e eu acho que nem na política há esse sucessor.

L.H. – Sim.

D.A. – E nos arquivos privados, eu tenho a impressão que, as pessoas da família que se interessam, em geral pulam uma geração. Parece que a primeira geração sofre um pouco essa vida com o ídolo, não é? A gente verifica um pouco isso, não é? Ou filhos temporões que retomam ou netos, que às vezes se interessam. No caso, a filha mais ligada é a Beatriz, a que acompanha mais o pai, digamos assim.

L.H. – Ela é a mais nova?

D.A. – Não, Bia... Sabe que eu nunca sei. Nunca sei se é Luciana ou Bia a mais... É a mais nova, a que mora no Rio. Acho que é a mais nova. Mas os outros não, ninguém... Então, isso, ele sabe disso. Agora, é uma coisa que eu discuto com ele. Por exemplo, justamente, quanto a essas gravações, nós temos um *différend*<sup>39</sup>. Por exemplo, essas gravações, eu acho que é um material primário formidável, porque nunca foi feito e foi feito no calor da hora. Raramente ele... Ele não gravou todos os dias, mas às vezes deixava passar dois ou três dias e retomava os assuntos. Há muita análise, muita reflexão, é isso que torna esse documento interessante. Às vezes é um pouco chato, um pouco... porque é muito duro, muito solitário, não é? Então, eu acho que o documento puro, o documento original, tem muito valor. E não para agora e não para ser publicado tal qual, não sei, mas para estudar, como documento mesmo, o que a gente chama documento. Bom, então, agora ele começou a rever. Quando ele pegou pela primeira vez algumas gravações... transcrições... Porque é muita coisa. Uma vez impresso...

L.H. – Você ainda faz isso?

D.A. – Eu agora quero fazer o segundo mandato, que eu não fiz, não tive tempo.

L.H. – Você já fez todo o primeiro mandato?

D.A. – Sim, o primeiro e o início do segundo.

L.H. – Você transcreve?

D.A. – E agora digitalizamos tudo, então, vai ser mais fácil trabalhar. Porque muitas vezes ele grava muito cansado, no final do dia, com a voz que é muito mais grave, a voz é difícil de entender, não articula bem, não é? E, por ser um documento histórico, quero que seja o mais possível igual, não é? E eu notei uma coisa muito engraçada com essa questão das línguas. O português é a minha terceira ou quarta língua, e eu comecei a estudar tarde. Mas então, é muito interessante. Às vezes, eu escrevo aquilo que ele acabou de dizer, e quando eu vou reler, é o mesmo sentido, mas as palavras são outras. [risos] Aí, recomeça... Então, tem que repassar sempre pelo menos três vezes, para pegar tudo. Portanto, é demorado. Então, ele agora... Então, quando ele pegou pela primeira vez, na hora de fazer o livro *A arte da política*, ele ficou assim, tomado por aquilo. Porque ele achou interessante e, ao mesmo tempo, ele provavelmente se decepcionou com alguma coisa. Sei lá! Então, ele agora está querendo rever.

---

<sup>39</sup> Tradução livre: disputa.

L.H. – Ele comentou ontem comigo.

D.A. – Ah, é?

L.H. – Ele comentou que está querendo rever.

D.A. – Então. Aí, ele me mostrou, me manda as revisões... Porque ele aprendeu a digitar em 2003. Ele já datilografava, assim, com dois dedos, e entusiasmou-se com o computador, com o e-mail. Ele mesmo responde tudo. Ele é extremamente rápido nessas coisas de... É muito fácil trabalhar com ele. É muito fácil. É pá-pum, sabe? E era sempre assim: “FHC, quer isso assim?” “Sim.” Sabe, é muito fácil, muito direto. Então, ele está fazendo isso. E ele me mandou... Porque como eu sempre disse: “Não, você não vai retocar. Você não vai publicar isso. Não vai me estragar esse documento! Aliás, eu vou um guardar separado.” Mas ele deixou guardar o verdadeiro... Quer dizer, ele está fazendo direitinho, ou seja, ele está apenas... coisas de estilo, de maneira de falar. E ele disse que vai fazer um ano de correções para que, se uma pessoa quiser publicar e ta-la-lá, saber qual é o espírito da revisão. Eu disse para ele que eu entendia, que está tudo bem, eu guardo tudo. E, realmente, não é para retocar, não é para trocar.

L.H. – Para falar outra coisa.

D.A. – Não, não é. Ele não é um idiota, não é? Mas aí eu disse: “Olha, mas você tem que pensar em algumas coisas, se você morrer. Porque, por exemplo, quem vai editar isso? Teria que ter alguém da sua confiança, da sua família em princípio, que cuidasse um pouco disso, que fosse o *gardien*<sup>40</sup>, digamos, de não deixar dizer qualquer coisa.” Enquanto puder. Porque afinal, isso depois vai na História e tal. Mas, de qualquer maneira, será guardado o original. Já está em digital inclusive, então, não tem problema. Tanto o som como o escrito, daquilo que é transcrito.

L.H. – A transcrição *ipsis litteris*.

D.A. – É. Por que eu falar disso agora?

L.H. – Por causa da questão do herdeiro.

D.A. – *Voilà!* Então, como você disse, não tem herdeiro, não. Agora tem... Sempre teve estudantes que estudaram a dependência e essas coisas, a obra. Isso tem. Teve várias teses já sobre a obra dele. Mas não se pode dizer que é um herdeiro.

L.H. – Não, não.

D.A. – É um objeto.

L.H. – Eu perguntava no sentido de alguém que se interessasse, o filho etc., por assumir o Instituto, por ser...

D.A. – Até agora, eu acho que isso não apareceu. Por isso que ele se dedicou muito a criar esse Conselho. Por exemplo, eu não faço parte do Conselho. Eu sou só um sócio fundador, mas... Porque eu sou velha também, então, não adianta me colocar numa coisa para o futuro, não é? [risos] Eu não sei. Eu estou observando aqui, nós somos dois fixos aqui, cada um com um pilar

---

<sup>40</sup> Tradução livre: guardião.

da instituição: eu fico com o acervo e o Sérgio Fausto, que é o filho do Boris, está com a parte de Brasil... de seguir os dados. Ele é economista e cientista social também. Ele trabalhou com o Malan. Então ele está... fornece dados sobre o que está acontecendo na economia brasileira, no Brasil em geral e ele é responsável pela parte de debates.

L.H. – E ele é um assessor também, como você.

D.A. – É igual. Somos iguais. E tem... Ele tem direito ao... O ex-presidente tem direito a quatro assessores e dois seguranças e dois motoristas e um carro. Isso, pela lei dos ex-presidentes. E aí... Porque eles não têm aposentadoria. Então, ele hoje só está com dois motoristas... dois seguranças e um motorista, e tem um outro... Nós somos, os dois, aqui no Instituto, os responsáveis, e aí tem um assessor no Rio, que é um diplomata – ele fica no Rio porque mora lá – e cuida dessa parte de... Porque o Fernando Henrique tem muita coisa internacional, faz parte de algumas instituições, já foi duas vezes membro de comissões especiais da ONU...

L.H. – Esse quem é? É o José Estanislau? Ou é o Miguel Darcy?

D.A. – É o Miguel Darcy.

L.H. – O Miguel Darcy de Oliveira. E o José Estanislau vai embora agora, porque são diplomatas que foram colocados à disposição, e ele vai continuar sua carreira. Ele ficou dois anos. Tinha outro, anterior. E no lugar do Estanislau não vai vir um diplomata, vai vir um assistente para o Sérgio, que tem muita coisa. Como eu tenho a minha equipe e o Sérgio estava muito sozinho, então vem um assistente para a questão de debates, de fazer funcionar esses grupos... É muito difícil fazer funcionar um grupo de trabalho. É muito difícil. Em São Paulo... É mesmo com a Internet, mesmo com e-mail, o nível de – ah, como se diz, de assunção? – de compromisso é baixo. Ou as pessoas se comprometem com coisas demais...

L.H. – É, eu acho que isso é uma questão, não é? Tem muita dispersão. As pessoas estão envolvidas em muita coisa, e acaba que...

D.A. – Acaba não fazendo bem as coisas. Ou não se comprometendo para valer. Então, o sucessor, não. Há uma obra. A de... Quer dizer, a gente sempre ri, Eduardo e eu, Eduardo Graeff. A gente o chama de Mestre. Porque às vezes ele diz: “Afinal, eu não sei...” Brincando, não é? “Eu sou seu *patron*.<sup>41</sup>” “O *patron* é uma peste.” [risos] Então, acho que ele tem essa... Ele é uma pessoa que, por ser a pessoa que ele é, uma pessoa inteligente, uma pessoa densa... Pelo menos eu vi isso na Presidência, uma densidade psicológica, não é? É muito difícil. É um cargo muito difícil. Então, acho que é uma pessoa inspiradora. Eu sempre admirei a capacidade de liderança. Ele realmente tem essa capacidade. Foi visível, tanto na universidade, onde eu não o acompanhei, mas no Cebrap, na direção do Cebrap, no Senado... Há um carisma. Agora, mas não... Porque um sucessor, você tem que se dedicar, não é?

L.H. – É, tem que assumir aquilo como seu também, não é?

D.A. – É, exatamente.

L.H. – E talvez não haja, ainda que no Brasil a gente tenha...

---

<sup>41</sup> Tradução livre: patrão.

D.A. – Porque demanda uma formação também.

L.H. – Sim, sim.

D.A. – Então, não. Isso, não faz. Não é a dele, não. Provavelmente por ser uma pessoa independente também, muito ativo... É muito ativo.

L.H. – E essa... A questão que ele é muito ativo, ontem, eu estava esperando, eu vi, estava saindo o senador Jorge Bornhausen, estava entrando um alemão que trabalhou com o Gerhard Schröder. Eu só o vi assim, eu falei...

D.A. – É assim.

L.H. – “Bom, eu tenho que agradecer muito a Danielle, porque conseguiu me botar nessa agenda.” [risos]

D.A. – Imagina!

L.H. – Mas, enfim, ele continua muito ativo.

D.A. – Muito ativo e muito procurado.

L.H. – Certamente.

D.A. – E incrivelmente, o que sempre surpreende muito os [assessores]... Surpreende não, mas eles falam. Por exemplo, o Estanislau e o Tarcísio, que estava antes com ele, que viajam com ele às vezes... Nem sempre. Ele é muito independente. Agora a gente pede para o segurança acompanhar, pelo menos nessas viagens nacionais, e às vezes, internacional. Um pelo menos, não é? E ele... Como ele é valorizado lá fora. Isso, a gente fica muito impressionada com isso. Porque ainda... Como foi na ONU. Quer dizer, o Kofi Annan veio aqui, no início do Instituto, visitar, teve a visita; o Clinton veio aqui... Então, há uma... Afinal, eles não precisam de Fernando Henrique, não é?

L.H. – Têm outros que vêm porque precisam, não é?

D.A. – Têm uns que vêm porque precisam. [risos] Mas têm uns que vêm sem precisar nem um pouco mesmo, não é? Então, você sente que há uma... O livro em inglês é muito interessante.

L.H. – É, ele comentou.

D.A. – Você conhece?

L.H. – Não. Eu vou ler o livro em inglês. Ele me disse que é diferente.

D.A. – É muito diferente. Bom, porque *là* é um livro que ele falou para o jornalista que escreveu – não foi ele que escreveu, não é? – em inglês. E esse jornalista adorou o Fernando Henrique e descobriu o Brasil com a história da família, que participou o tempo todo da política de alguma forma e em lugares muito variados: em Goiás, no Rio, em Santa Catarina, em Pernambuco. Olha, tem coisas muito engraçadas. Como eram militares, que iam a todos os cantos... Era um

rapaz muito inteligente, esse Brian<sup>42</sup>, que escreveu o livro, então, ele escreveu de maneira vivaz. Não assim... Não tornou o personagem maior do que é. Não é isso, não. Mas o livro é gostoso, sabe? É uma sucessão de historinhas. E eu acho que ele fez muito bem esse livro. Então, é muito mais divertido, o livro, porque é mais pessoal do que...

L.H. – Do que o *A arte da política*.

D.A. – ...do que o *A arte da política*, que é outro livro, é outra coisa, não é?

L.H. – E esse livro, o livro americano, surgiu como?

D.A. – Olha, foi muito engraçado. Bom, o livro *A arte da política*, o contrato foi assinado nos últimos dias do governo. O diretor da Record, o Sérgio Machado, que quis porque quis. Na realidade, havia dois contratos: um seria como ele queria fazer, um livro analisando a política através de alguns princípios dos teóricos sociológicos, como ele fez no *A arte da política*, e o outro seria uma coisa mais sobre o Brasil na globalização e tal. Mas cada livro teria apenas umas 250 páginas ou uma coisa assim, não é? Só que acabou fazendo esse tijolo. Então, acabou [que] os dois contratos foram fundidos. E aí, quando o... O Sérgio parece que estava em contato com o editor americano, propôs... falou com esse editor do personagem, não sei o que e sugeriu a Fernando Henrique que ele fizesse um outro livro. Porque traduzir esse livro em inglês para o público americano não teria o menor interesse. Então, teria que ser outro livro, e aí ele teria alguém para escrever e ele então falaria longamente, como ele falou. Então, ele falou em espanhol para o Brian – às vezes em inglês, mas raramente – porque esse Brian trabalhava na Argentina, então ele falava...

L.H. – Espanhol.

D.A. – E já começou a falar, como são os americanos, já começou a falar português. Então, ele, eu acho que tem um pouco a arte do professor. Porque uma coisa que eu admiro no Fernando Henrique realmente é que ele vai... Quando ele faz uma conferência ou uma aula, alguma coisa, ele vai construindo a coisa, então você acompanha. Ele faz com que o auditório acompanhe o raciocínio, e aí, tudo fica claro. Então, você se acha muito inteligente. Quer dizer, não é que se acha muito inteligente, mas que compreende a coisa. E é muito assim, sabe, muito construído.

L.H. – Didático, não é?,

D.A. – Muito. E ele faz isso com qualquer assunto, não é? Então, eu acho que aconteceu isso com o Brian. Com a formação que ele tem, relacionou coisas que ele não tinha relacionado, na história dos países latino-americanos e tal. Então, isso passou. E o estilo dele, no começo, era um estilo um pouco demais, o que eu chamo Indiana Jones: a floresta, Amazônia e tal. É um pouco *over*. [risos] Aí, falamos para ele baixar um pouco.

L.H. – “Menos, menos.”

D.A. – E aí, acabou ficando... Tanto é que eles... Então, surgiu do Sérgio, que propôs a tradução, mas o outro disse não. “Então, vamos fazer um livro diferente, vamos pagar esse jornalista e tal.” E ele foi feito mais rápido do que o outro.

---

<sup>42</sup> Possivelmente a entrevistada se refere ao jornalista Brian Winter que escreveu o livro *The Accidental President of Brazil: A memoir*.

L.H. – Certo. Eu me dei conta agora, Danielle, que eu...

D.A. – Opa! Você precisa viajar.

L.H. – Eu preciso viajar. Eu vou te fazer uma última pergunta. Porque depois eu ainda posso conversar com você outras vezes, mas é uma coisa que eu... Eu, na verdade, por tudo que você já falou, eu já imagino a sua resposta. Quando eu fui lendo o seu currículo, eu não sabia que você era uma especialista em relações de gênero, e fiquei pensando... Eu já tinha percebido que você tinha um lado feminista, é uma mulher que tem... Eu fiquei pensando como é que será, para uma feminista, trabalhar tantos anos sob o comando, digamos, de um homem... pelo menos durante oito anos, o homem mais poderoso do país. Como é que é isso?

D.A. – Não, eu acho que é... Talvez seja a minha natureza. Eu não deixei de ser feminista, eu e a Ruth somos as duas de plantão em cada orelha. [risos] Isso, a gente não perde uma ocasião para falar. E eu acho que não, porque eu sempre me senti independente. Não. Eu acho que eu... Teve um período onde eu me sentia inferior entre aspas, ou seja, intelectualmente, não é? Isso hoje não tem mais. Isso foi se diluindo, na medida em que eu terminei as coisas que eu queria fazer para mim, que eu queria fazer minhas pesquisas. Eu não queria esse doutorado para ensinar porque eu sabia que já era tarde, eu já tinha passado da época. E seria muito difícil, na USP, que ficou tão contra Fernando Henrique, de ter qualquer coisa. Quer dizer, eu sofri também as consequências de acompanhar o Fernando Henrique, com aquelas coisas um pouco, sabe? Mas como feminista, eu nunca me senti mal, porque nunca houve... Porque sempre foi uma relação muito civil, muito civilizada no bom sentido. E o que eu acho ótimo é que nunca houve nenhuma mistura, quer dizer, sempre foi profissional. Sempre foi assim... O que foi difícil para mim foi ser amiga, mas não muito amiga, da família também. Então, eu sou amiga, eu vou lá, vou para Ibiúna e tal, mas também não sou amiga. Isso às vezes... Para mim, por exemplo, no mestrado, foi possível fazer com a Ruth; já no doutorado...

L.H. – Já ela...

D.A. – Eu não quis, e eu acho que ela ficou magoada. Talvez eu perdi algo, não tendo ela como orientadora. Porque eu não conseguia. Era difícil ficar com um, ficar com o outro, ficar no meio. Eu achava isso um pouco *over*. Mas nunca houve... Porque sempre houve muita independência, sabe?

L.H. – É, e pelo que você disse, a personalidade dele não é uma personalidade de mando.

D.A. – Não, não é. E como ele diz sempre... Isso me inspirou muito. Teve momentos que... Eu tive que ouvir muita coisa sobre o Fernando Henrique sempre, não é? E aí, gente dizia: “Mas afinal, o Fernando Henrique nunca mais fez nada. Qual é a grande teoria?” Aí, conversando sobre isso com ele, eu dizendo: “Pois é, tem gente que diz isso e tal.” Ele disse: “Bom, pelo menos eu não impeço ninguém de fazer.” Entendeu? Então, isso é verdade. Eu sempre pensei: “Se eu não faço nada, eu não fui impedida de fazer.” Então... Isso eu tenho muito claro. Se eu não... Eu acho que eu fiz o que eu quis. Eu quis ir para Brasília, eu quis ter essa experiência do serviço público, para saber como era, para conhecer as limitações, as dificuldades, e foi uma experiência formidável.

L.H. – Eu acredito.

D.A. – Para uma antropóloga...

L.H. – Eu acredito, porque você não era...

D.A. – Não. Eu nunca...

L.H. – Você era uma antropóloga em campo.

D.A. – E nunca me passou pela cabeça ser funcionária pública, não é? Então, eu... Eu deixei lembranças, com certeza. [risos] E eu me diverti muito, porque era... Tem coisas inacreditáveis. E eu dizia todo dia **[inaudível]**: “Porque para mim, a Presidência da República é o lugar da excelência. Tudo tem que sair daqui perfeito.” Imagina!

L.H. – Bom, era um princípio pelo menos [riso].

D.A. – Um princípio. Mas foi uma experiência muito, muito interessante. Lógico que era uma ocasião de ter esse tipo de experiência. Eu não poderia, sob pretexto de escrever mais um *paper*, ficar aqui.

L.H. – Não, claro que não. Seria perder uma oportunidade fantástica.

D.A. – Seria perder, não é?

L.H. – Claro.

D.A. – E aí, ficar cuidando de arquivo, tudo bem, eu sempre acho um interesse no que eu faço, não é? Eu já fiz tanta coisa.

L.H. – É verdade. Hoje é que eu fiquei sabendo quantas coisas você fez.

D.A. – Então, o seminário, eu espero...

L.H. – Eu vou terminar aqui então.

[FINAL DO DEPOIMENTO]